



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

**OMISSÕES NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DE
CONFERÊNCIA: LÍNGUA PORTUGUESA – LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS**

Diego Mauricio Barbosa

**FLORIANÓPOLIS
2014**

Diego Mauricio Barbosa

**OMISSÕES NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DE
CONFERÊNCIA: LÍNGUA PORTUGUESA – LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Área de Concentração: Processos de Retextualização

Linha de Pesquisa: Estudos da Interpretação

Orientadora: Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros

**FLORIANÓPOLIS
2014**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Barbosa, Diego Mauricio
OMISSÕES NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DE CONFERÊNCIA:
LÍNGUA PORTUGUESA - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS / Diego
Mauricio Barbosa ; orientadora, Ronice Müller de Quadros -
Florianópolis, SC, 2014.
116 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Interpretação Simultânea de
Conferência. 3. Demandas. 4. Omissões. 5. Língua Brasileira
de Sinais / Língua Portuguesa. I. Müller de Quadros, Ronice.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Diego Mauricio Barbosa

**OMISSÕES NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DE
CONFERÊNCIA: LÍNGUA PORTUGUESA – LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 10 de outubro de 2014.

Profa. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do Programa

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Ronice Müller de
Quadros, Orientadora
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof.^a Dr.^a Rachel Sutton-Spence,
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof.^a Dr.^a Silvana Aguiar dos
Santos,
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof.^o. Dr.^o. Markus J. Weininger,
Universidade Federal de Santa
Catarina

AGRADECIMENTOS

A Deus tenho meu eterno agradecimento por ter me sustentado até aqui e algo a reafirmar “Porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém”. (Romanos 11:36).

À minha família, meus pais por serem a minha base, meus irmãos meu apoio constante, à Marianne, minha companheira e amada, e ao meu pequeno príncipe Felipe, que nasceu no decorrer desta jornada e me deu um novo fôlego.

Aos meus amigos, mais chegados que irmãos, que fizeram parte do início, mesmo antes de começar minha trajetória profissional e que estão ao meu lado até hoje.

À Professora Doutora Ronice Müller de Quadros, por todo o seu histórico de lutas e conquistas pela Comunidade Surda e para os estudos da área; por aceitar esse desafio, contribuir ricamente com essa caminhada e por, além de tudo, ainda confiar na possibilidade de conclusão deste trabalho.

Ao Professor Doutor Markus J. Weininger, por ter me apresentado os Estudos sobre as Omissões na Interpretação Simultânea, um assunto que me instigou desde o começo da minha profissão, mas que eu não sabia como poderia olhar para este objeto de pesquisa e, ainda, pelas orientações riquíssimas dadas na banca de qualificação e de defesa.

À Professora Doutora Rachel Sutton-Spence, pelos diálogos após a banca de qualificação e pelo olhar cuidadoso sobre o nosso trabalho, aceitando contribuir com toda a sua sabedoria nas bancas de qualificação e de defesa.

À Professora Doutora Silvana Aguiar dos Santos, pelo diálogo constante conosco sobre este estudo, mesmo antes do convite para participar da banca de defesa, acompanhando a pesquisa desde o início.

À Professora Doutora Jemina Napier, pela contribuição e orientações nas ocasiões que pudemos nos reunir para falar sobre as pesquisas dos Estudos da Interpretação de Língua de Sinais, os processos interpretativos e as omissões, nossa paixão. Espero trabalharmos juntos em breve.

Thanks to Professor PhD. Jemina Napier for her contributions and guidance on the occasions when we met to talk about research on the interpretive process and omissions in Sign Language Interpreting Studies, our passion. I hope we work together soon.

Aos sujeitos de pesquisa que aceitaram o convite de participação no estudo.

Aos Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, Natália Schleder Rigo e Tiago Coimbra Nogueira, que atuaram na defesa, o nosso muito obrigado!

À Coordenadoria de Tradutores e Intérpretes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por todo o conhecimento e crescimento profissional que esta equipe me proporciona diariamente e por tentarem entender a minha ausência neste momento de estudos e formação profissional.

À Giovana Bleyer, pelas conversas, “puxões de orelha”, leituras do trabalho e as motivações para finalizar esta etapa tão importante.

A todos os professores, amigos, colegas e conhecidos que fizeram parte e marcaram a minha história, levo algo de vocês comigo para todo o sempre.

Aos que duvidaram da conclusão deste trabalho perguntando-me constantemente: “não vai defender isso não?”; “não vai parar de enrolar?”; “ainda não terminou?”; “até quando vai isso?”. Apenas uma coisa a dizer a todos vocês: muito obrigado! Sem a “motivação” de vocês eu não teria tido o último suspiro para chegar até aqui.

Agradecer a todos sem esquecer ninguém é sempre muito difícil, porém, gostaria de deixar os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que foram essenciais para que tudo isso acontecesse na minha vida e eu concluísse mais essa etapa. Mesmo sem mencioná-los pelos nomes, sintam-se abraçados com o mais fraternal dos abraços. Vocês foram e são de extrema importância na minha vida.

Qual a responsabilidade do intérprete durante o evento interpretativo? Tomar inúmeras decisões! (COKELY, 2014).

RESUMO

Nesta dissertação, apresentamos uma pesquisa exploratória com o objetivo de refletir sobre as omissões de informações que são produzidas na Língua Fonte (LF) e não são interpretadas para a Língua Alvo (LA), um fenômeno recorrente na Interpretação Simultânea (IS), ocasionado por demandas que influenciam os Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (ILS) profissionais durante o evento interpretativo no contexto de conferência. Para isso, selecionamos recortes de IS realizadas durante um congresso científico que totalizaram 45 minutos. A partir disso, analisamos aproximadamente 4 horas e 30 minutos de filmagens de entrevistas retrospectivas com os ILS, identificando as demandas que os influenciaram a realizar as omissões. Posteriormente, com o auxílio da análise temática com base em Braun e Clarke (2006), pudemos analisar os dados obtidos. O referencial que trazemos para a discussão inclui os seguintes autores: Henri C. Barik (1973, 1975), Dennis Cokely (1986) e Daniel Gile (1999), que analisam as omissões como erros, e ainda Anthony Pym (2008), Jemina Napier (2001, 2002 e 2004), Anita Holm Thomsen Luciano (2005) e Pawel Korpál (2012), que as tratam como uma possibilidade estratégica usada pelo profissional durante o ato interpretativo. A análise dos dados nos mostra que as omissões são ocasionadas por demandas durante o processo interpretativo e que, em muitos casos, fogem do controle do ILS, evidenciando assim a importância deste tema ser trabalhado na formação dos profissionais, para que tenham consciência das omissões que são intrínsecas à interpretação. Concluímos ainda que os Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa (Libras/LP) atuam com a sua capacidade de processamento máxima e que o surgimento de qualquer demanda que exija maior capacidade de processamento disponível do profissional poderá afetar o processo interpretativo, desencadeando falhas nas decisões do intérprete, corroborando com a teoria da “Corda Bamba” proposta por Daniel Gile (1999).

Palavras-chave: Interpretação Simultânea de Conferência. Demandas. Omissões. Língua Brasileira de Sinais. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

We present an exploratory research that aims to reflect on the omission of information that is produced in the Source Language (SL) and not interpreted to Target Language (TL), which is a recurring phenomenon in Simultaneous Interpretation (SI) caused by demands that influence professional Brazilian Sign Language Interpreters (SLIs) during the interpretive event in the context of conference. To do so, we selected clips totalling 45 minutes of SI through a scientific conference. Then, we conducted approximately 4 hours and 30 minutes of footage of retrospective interviews with the SLIs, so we can identify demands that influenced that kinds of omission. Later, with the help of thematic analysis (BRAUN and CLARKE, 2006), we analyzed the data obtained. The theoretical framework we bring to the discussion includes authors who have different perspectives on the topic, such as Henri C. Barik (1973, 1975), Dennis Cokely (1986) and Daniel Gile (1999), who analyze the omissions as errors, and Anthony Pym (2008), Jemina Napier (2001, 2002 and 2004), Anita Holm Thomsen Luciano (2005) and Pawel Korpala (2012), who treat them as a strategic opportunity for professionals to use in the interpretive act. Data analysis shows that the omissions are caused by demands for the interpretive process and these demands in many cases are beyond the control of the BSLIs, thus underlining the importance of this issue to be worked in the training of professionals to have awareness about the omissions that are intrinsic to interpretation. We conclude that Brazilian Sign Language/Portuguese Language interpreters (Libras/LP) act with their processing capacity to the maximum and that the emergence of any claim that requires more processing capacity available may affect the interpretive process, triggering errors, supporting the “Tightrope” theory proposed by Daniel Gile (1999).

Keywords: Simultaneous Interpretation Conference. Demand. Omissions. Brazilian Sign Language. Portuguese Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Perspectiva sobre qualidade na interpretação.....	27
Figura 2 –	Normas e qualidade para o serviço e o produto da interpretação.....	29
Figura 3 –	Dimensões interativas da Teoria de Controle de Demanda.....	32
Figura 4 –	Foto meramente ilustrativa do <i>software</i> Elan.....	70
Figura 5 –	Ilustração da Tabela para a Pré-análise.....	71
Figura 6 –	Disposição da sala para a coleta das entrevistas retrospectivas.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	“Taxonomia das Omissões”.....	59
Quadro 2 –	Distinções entre a fala espontânea e a escrita.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Categorias e exemplos de fontes de demanda no trabalho de interpretação de língua de sinais.....	35
Tabela 2 –	Tabela síntese das demandas que influenciaram os sujeitos de pesquisa a omitir durante o evento interpretativo.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EI – Estudos da Interpretação

ETILS – Estudos da Tradução e Interpretação da Língua de Sinais

ILS – Intérprete de Língua de Sinais

ILO – Intérprete de Língua Oral

IS – Interpretação Simultânea

ISLS – Interpretação Simultânea de Língua de Sinais

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LA – Língua Alvo

LF – Língua Fonte

LP – Língua Portuguesa

LS – Língua de Sinais

TF – Texto Fonte

TILSP – Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais/Língua Portuguesa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
1.1	JUSTIFICATIVA.....	19
1.2	OBJETIVOS.....	23
2	RECONHECENDO O TERRITÓRIO.....	25
2.1	QUALIDADE NA IS.....	25
2.2	DEMANDAS E CONTROLE NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DE LÍNGUA DE SINAIS (ISLS) DE DEAN E POLLARD (2001).....	30
2.3	MODELO DOS ESFORÇOS DE DANIEL GILE.....	40
2.4	DEFINIÇÃO DE ESTRATÉGIA NA IS.....	43
2.4.1	Tipos de Estratégias Linguísticas na IS.....	44
3	ESTUDOS DA OMISSÃO NA IS.....	47
3.1	VISÃO TRADICIONAL.....	47
3.2	VISÃO CONTEMPORÂNEA.....	49
3.3	CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DA LÍNGUA DE SINAIS – ISLS PARA OS ESTUDOS DA OMISSÃO.....	55
4	METODOLOGIA.....	63
4.1	TIPO DE PESQUISA E ABORDAGEM DE PESQUISA.....	63
4.2	O RECORTE E O CONTEXTO DA PESQUISA.....	63
4.2.1	Interpretação de conferência.....	64
4.3	A SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	68
4.4	OS SUJEITOS.....	68
4.5	O <i>SOFTWARE</i> ESCOLHIDO PARA A PRÉ-ANÁLISE..	69
4.6	PRÉ-ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	71
4.7	ENTREVISTAS RETROSPECTIVAS.....	72
4.8	CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	75
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	77
5.1	OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DE COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA (L1 E L2 DO ILS) E COMPETÊNCIA REFERENCIAL.....	79
5.2	OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DE COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA (MODALIDADE DA LÍNGUA).....	82
5.3	OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DE COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA.....	85
5.4	OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DE TRADUÇÃO CULTURAL E EXPANSÃO DA	

	INTERPRETAÇÃO.....	87
5.5	OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DA CONCENTRAÇÃO (PRODUÇÃO DA INTERPRETAÇÃO E INTERAÇÃO COM O ILS DE APOIO).....	89
5.6	OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DO JULGAMENTO SOBRE O DISCURSO.....	91
5.7	OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DO DISCURSO DO PALESTRANTE (SOTAQUE E INCOMPREENSÃO DA FALA).....	92
5.8	OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DA DENSIDADE LEXICAL.....	93
5.9	OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DA RECEPÇÃO AUDITIVA FALHA E NERVOSISMO (PELO CONTEXTO E PELO PÚBLICO ENVOLVIDO).....	97
5.10	OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DO <i>LAG</i> <i>TIME</i> (EXCESSIVO E CONTROLE).....	100
6	CONCLUSÕES.....	105
	REFERÊNCIAS.....	109

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta uma discussão sobre as omissões que são identificadas na Interpretação Simultânea (IS), trazendo perspectivas a favor e contra esse fenômeno. A omissão neste estudo é entendida como a informação contida no discurso da Língua Fonte (LF) que não chega à interpretação para a Língua Alvo (LA).

As discussões em âmbito internacional sobre as omissões na IS são datadas da década de 1970 (BARIK, 1971, 1973 e 1975). Porém, até o momento, não temos registros de pesquisas nacionais publicadas na íntegra que tratem especificamente deste assunto, ou ainda, trabalhos que de alguma forma abordem esta temática e nos ajudem a refletir.

Com o objetivo de suprir esta lacuna nos Estudos da Interpretação (EI), em âmbito nacional, colaborando assim com as discussões entre os interessados, elucidando-as e aprofundando o conhecimento sobre o assunto, nosso trabalho tem como objeto de pesquisa as omissões recorrentes na IS de conferência da Língua Portuguesa (LF) para a Língua Brasileira de Sinais (LA).

Para orientar esta pesquisa, buscamos responder a seguinte pergunta: o que leva o Intérprete de Língua de Sinais (ILS) a omitir?

Neste estudo, não defendemos que as omissões são utilizadas em todos os momentos da melhor forma, favoráveis à situação, contudo, defendemos a ideia de que os ILS devem aprender a lidar com elas para que, quando necessário, usem-nas a seu favor e saibam decidir quais informações omitidas não prejudicarão o entendimento do público, ou ainda, quais informações omitidas não desencadearão outras demandas¹, fazendo a situação fugir do seu controle.

Porém, a equivalência² entre as línguas interpretadas/traduzidas é uma vertente discutida nos Estudos da Tradução e Interpretação (ETI) há algumas décadas e é disseminada antes das discussões sobre interpretação/tradução livre, por um viés funcionalista³. Desta forma, os envolvidos no evento interpretativo têm internalizado essa visão tradicional (equivalência), que pode se tornar um complicador para o

¹ Este tópico será tratado na subseção 2.2, mas, para o momento, o conceito de demanda (*demand* no original), neste caso, traz o sentido de fatores que influenciam as decisões dos intérpretes.

² Para maiores informações consultar Weininger (2009).

³ Para maiores informações ver Pöchhacker (1995).

intérprete, pois o público alvo espera receber tudo que está sendo dito na LF *ipsis litteris* em sua língua através da interpretação.

Por esta visão tradicional, ao menor sinal de interferência do intérprete no discurso, o público alvo tende a avaliar a interpretação de forma negativa, desacreditando o trabalho do profissional, não levando em consideração as demandas que influenciam as decisões dele durante o ato interpretativo.

No decorrer do processo interpretativo, o intérprete faz escolhas para alcançar seu objetivo, que é efetivar a comunicação entre sujeitos que querem se comunicar, mas que possuem línguas diferentes. No entanto, este profissional sofre inúmeras pressões, sendo o tempo uma das principais, e está sujeito a cometer equívocos nas decisões tomadas, o que ocasiona omissões no conteúdo do discurso da LF, podendo produzir um discurso com algumas lacunas para o público alvo.

Contudo, os equívocos recorrentes no processo interpretativo não devem servir de base para o julgamento da qualidade de uma IS, que deve ser medida pelos envolvidos no evento interpretativo pelo alcance do objetivo comunicativo. Esta perspectiva é corroborada por Pym (2008, p. 6)⁴:

Qualidade, no sentido mais lato, deve, portanto, ser medida pelo alcance dos objetivos no ato da comunicação [...]. Nós não aceitamos, pelo menos não a priori, que a utilização de omissões indique uma redução da qualidade, uma vez que tal suposição seria responder às nossas perguntas antes de olharmos para qualquer evidência.

Sendo assim, ao investigarmos as omissões na IS da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), o objeto de nosso estudo, temos o intuito de colaborar com as pesquisas na área dos Estudos da Interpretação (EI), mais especificamente com os Estudos da Qualidade da Interpretação Simultânea da Língua de Sinais, para que a visão sobre a IS seja macro, abarcando não só seu produto final, mas, tudo o que envolve o evento interpretativo.

Quanto à estrutura do nosso trabalho, esta dissertação está organizada em cinco capítulos: Introdução; Reconhecendo o Território;

⁴ Tradução nossa, salvo indicação.

Estudos da Omissão na IS; Metodologia; Resultados e Discussões; e Conclusões.

Na Introdução, situaremos de forma breve e objetiva a pesquisa e, em suas subseções, apresentaremos a delimitação do objeto de pesquisa, as perguntas que norteiam nosso estudo, a justificativa e os objetivos.

No Capítulo 2, intitulado “Reconhecendo o Território”, apresentamos e discutimos assuntos que estão relacionados diretamente ao evento interpretativo, ou seja, fenômenos que podem influenciar as decisões dos ILS, sendo assim, fatores determinantes e com relação direta nas omissões que acontecem no processo interpretativo.

No Capítulo 3, é introduzida efetivamente a maioria das discussões existentes sobre os Estudos da Omissão na Interpretação Simultânea, sendo subdivididas em três categorias para uma melhor coerência do texto e para deixá-lo o mais claro possível para o leitor, a saber: “Visão tradicional”, “Visão contemporânea” e “Contribuição dos estudos da interpretação simultânea da língua de sinais (ISLS) para os estudos da omissão”.

O Capítulo 4 apresenta o percurso metodológico deste estudo, apontando o tipo de estudo, a abordagem da pesquisa, o recorte, os participantes, os critérios para construção do *corpus*, o contexto de interpretação do *corpus* coletado, o *software* escolhido para auxiliar na análise, as etapas percorridas durante a pesquisa e os critérios para a análise do *corpus*.

Os capítulos seguintes tratam dos resultados encontrados, que são apresentados em etapas: descrição dos dados encontrados, categorização e análise detalhada dos dados. Para finalizar, trazemos uma discussão sobre os dados, que é composta pelas considerações sobre os resultados da pesquisa e as possíveis contribuições que ela trará para a área como um todo.

Todas as citações em língua estrangeira que estão na dissertação são apresentadas através de traduções para o português, realizadas por nós, a fim de enriquecer a nossa discussão e o campo com os estudos que são referências na área.

1.1 JUSTIFICATIVA

As omissões na IS são um dos assuntos que se relacionam diretamente com a área de estudos sobre a qualidade na IS, sendo que tais pesquisas são fundamentais para esclarecer e nortear algumas questões que envolvem o processo interpretativo, tais como: (i) a visão

dos envolvidos no evento interpretativo sobre a interpretação; (ii) a expectativa dos envolvidos; e (iii) o que caracteriza a qualidade na IS. Deste modo, nosso estudo enquadra-se nesta área de estudos, qualidade na IS, que tem o objetivo de discutir temáticas com o intuito de contribuir para tornar a interpretação mais eficaz.

Quando refletimos sobre esta área de estudos, podemos relacioná-la com as demandas recorrentes durante a IS, apresentadas pelos autores Dean & Pollard (2001), que agrupam algumas dessas demandas em quatro categorias: Linguística, Situacional, Interpessoal e Intrapessoal, dando ainda ao ILS a responsabilidade de lidar com elas. Algumas dessas demandas são: clareza na comunicação do cliente, fluência linguística do cliente, altura da voz, espaço de sinalização, velocidade da comunicação do cliente, distrações visuais e etc.⁵

Para exemplificar, imaginemos o seguinte contexto: um seminário sobre uma determinada área na saúde em que temos a presença de ILS, que não são formados nesta área, para realizarem a IS. O seminário tem a data confirmada com diferentes temas que envolvem esse campo, e os materiais (*software* de audiovisual, resumo, artigos, etc.) com relação às palestras não foram entregues para os ILS estudarem com antecedência, fazendo extração terminológica, aconselhando-se com um especialista da área em questão para esclarecimentos, pesquisando em materiais de apoio etc., e assim se preparando para as interpretações. Desta forma, o *déficit* que os ILS têm na competência referencial, ou competência de área, por não serem formados na área, poderia ser amenizado com esta preparação prévia, para que assim conseguissem alcançar o objetivo do trabalho com mais qualidade.

Ainda em relação ao exemplo, supondo que o seminário inicie e, além desta falta de competência referencial dos ILS, um dos palestrantes não se expresse de forma clara e ainda fale rápido. Essas demandas agem diretamente na IS e tal interferência pode ocasionar perda de informações importantes da palestra, ou seja, omissões que podem prejudicar o processo da IS e, por consequência, o produto entregue aos usuários.

A partir deste exemplo, podemos perceber que o ILS lida com uma alta carga de complexidade e estresse durante o trabalho, gerenciando inúmeras demandas que são até mesmo cognitivas, como

⁵ No capítulo 2, na subseção 2.2, serão discutidas as demandas apresentadas por Dean & Pollard (2001).

apresentado por Gile (1999), onde afirma que na IS o intérprete gerencia quatro esforços: o processamento, a memória de curto prazo, a produção e a coordenação destes esforços que acontecem de forma simultânea.

Outra possível demanda que pode prejudicar a IS é a situação em si, o contexto de atuação do profissional, que é apresentada em uma das categorias propostas por Dean & Pollard (2001) e que segundo Riccardi, Marinuzzi e Zecchin (1998, p. 96, grifo nosso):

A situação pode, portanto, ser definida como estressante em virtude da avaliação cognitiva de um dado estímulo como uma **possível ameaça, dano ou desafio** no momento em que a pessoa é confrontada por ele. Essa avaliação também está relacionada com experiências passadas.

Levando em consideração a situação apresentada anteriormente, podemos inferir que teremos um nervosismo acentuado no ILS e que os resultados desse estresse serão nítidos no produto final da interpretação, sendo alguns deles: gaguejamento, impostação inadequada da voz, uso incongruente do registro da língua, postura corporal inapropriada, desvio do olhar do intérprete para com o usuário, falta de confiança, perda da atenção, entre outros. Ou seja, o contexto em que é realizada a IS interfere diretamente no intérprete, podendo ser a causa das omissões, sendo necessárias formação, preparação e confiança do profissional para não correr este risco e prejudicar o próprio trabalho.

Como pudemos observar anteriormente e com base em uma perspectiva tradicional sobre a tradução/interpretação, não é permitida a interferência do intérprete no discurso da LF e, mesmo que estas demandas o influenciem para tais mudanças, o público alvo enquadra isso como algo errado. Assim, a omissão é vista como erro, algo que prejudica os usuários do serviço de interpretação, que na maioria dos casos não têm acesso à LF, por não conhecerem ou por serem sujeitos surdos, confiando na integridade e no trabalho do intérprete em transmitir tudo que está sendo dito na LF para a sua língua.

Na literatura, a omissão é um assunto totalmente polêmico para os usuários do serviço e até para os profissionais da área. Um dos fatores que contribuem para esta polêmica é que, na maioria das vezes que a omissão é discutida, ela é relacionada com o erro, como apresentado na pesquisa de Daniel Gile (1999), para quem omissão e erro são categorizados em um mesmo universo, não os diferenciando

em nenhum momento, ou seja, dando a ideia de que a omissão deve ser tratada como tal.

Por outra perspectiva, alguns autores, tais como Napier (2001) e Pym (2008), em linhas gerais, não dizem que as omissões não são prejudiciais, mas também, não as rotulam como erros e ainda concordam que elas podem ser utilizadas de forma positiva durante a IS, estrategicamente, por exemplo, omitindo algumas informações para tornar a mensagem mais eficaz, trazendo-a mais perto da cultura do público alvo.

Estas discussões e visões diferentes sobre o tema e o que elas acarretam nos instigaram ao nível de propormos esta pesquisa, com o intuito de compreender melhor o que realmente acontece e o quanto os ILS conhecem sobre este fenômeno.

Uma questão importante levantada no início deste trabalho é que, até o momento, não temos registros de publicações nacionais tratando especificamente das omissões na IS. Sendo assim, podemos partir do pressuposto de que a maioria dos ILS tem consciência das omissões, mas, se questionados sobre os motivos que os levaram a omitir, provavelmente, as justificativas poderão ser baseadas em experiências empíricas e sem respaldo teórico.

Outras justificativas para a realização de um trabalho desta natureza, que explique e desmistifique algumas questões acerca das omissões na IS, são:

1. Contribuir para a literatura dos Estudos da Tradução e Interpretação da Língua de Sinais, pois, no Brasil ainda contamos com um número grande de temáticas a serem pesquisadas;
2. Investigar outros contextos de atuação do ILS, ou seja, interpretação de conferência, diferenciando-se da tradição nacional das pesquisas em TILS, que se concentram, em sua maioria, no contexto comunitário;
3. Contribuir para o entendimento sobre as omissões na IS dos ILS profissionais, os ILS novatos, dos estudantes de IS, dos usuários do serviço de interpretação simultânea e dos pesquisadores da área;
4. Apresentar respaldo teórico sobre o objeto de pesquisa para a formação dos ILS, através das discussões com diferentes autores e visões sobre esta temática.

Cabe ressaltar que nosso trabalho não tem um viés linguístico, pois apresentamos e discutimos as diferentes concepções sobre as omissões e quais as demandas que influenciam os intérpretes a omitir, através de uma perspectiva estratégica.

Ressaltamos ainda que o contexto da pesquisa é a IS de conferência do par linguístico LP/Libras, porém, acreditamos que as discussões aqui levantadas são pertinentes aos Estudos da Interpretação (EI) de um modo geral.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre as omissões de informações produzidas na Língua Fonte (LF) e não interpretadas para a Língua Alvo (LA), analisando as demandas que influenciam os ILS profissionais durante o evento interpretativo em contexto de conferência.

Os objetivos específicos são:

- (1) analisar filmagens de interpretações reais em contexto de conferência;
- (2) elucidar algumas demandas que influenciam os ILS;
- (3) identificar nas entrevistas retrospectivas com os sujeitos de pesquisa quais são as demandas que os influenciaram a omitir;
- (4) apresentar quais são os níveis de omissão já identificados por outros pesquisadores.

2 RECONHECENDO O TERRITÓRIO

Neste capítulo, realizamos um levantamento das pesquisas sobre temas que se relacionam diretamente com o nosso objeto de pesquisa, a omissão na IS, tais como, qualidade na IS e demandas na IS, bem como a tentativa de definir algumas estratégias utilizadas na IS. Além disso, vamos apresentar e discutir as literaturas sobre omissões.

O objetivo de trazermos estes estudos para discussão é refletirmos além das omissões na IS, ou seja, compreendermos melhor o que está intrínseco ao evento interpretativo, ou seja, algumas demandas que podem ser responsáveis pelas omissões, caso o ILS não as tenha sob controle.

2.1 QUALIDADE NA IS

O teor desta subseção é a apresentação de um dos objetivos esperados pelo próprio profissional e os usuários da IS. Mesmo sendo algo subjetivo, a qualidade na IS pode ser medida de diferentes formas, dependendo da expectativa dos envolvidos no evento interpretativo. Para tanto, selecionamos alguns autores que foram apresentados por Weinger (2011) ao tratar dos “Elementos para avaliação da Qualidade da Interpretação Simultânea”.

A interpretação, de um modo geral, perpassa diferentes contextos de atuação, desde o comunitário, que inclui os contextos jurídico, médico e educacional⁶, ao de conferência. A questão é que uma interpretação de qualidade é aguardada em qualquer contexto em que ela seja oferecida.

Pöchhacker (2001) apresenta uma pesquisa que tem como objetivo realizar um levantamento do estado da arte dos estudos sobre qualidade e avaliação da interpretação. O autor inicia discutindo as perspectivas sobre qualidade da interpretação, não abrangendo todo e qualquer estudo que trate do assunto, mas limitando-o às abordagens metodológicas de alguns estudos clássicos sobre o tema, porém relacionados à interpretação comunitária, pois ele ressalta que outros autores (VIEZZI, 1996; SHLESINGER, 1997; KAHANE, 2000) trataram este objeto de pesquisa na interpretação de conferência.

⁶ Para maiores informações ver Pöchhacker (2010).

Pöchhacker (2001) mostra que a literatura da área indica os potenciais avaliadores da qualidade na interpretação; por exemplo, Gile (1991) traz, além do intérprete como “remetente” e o usuário como “receptor”, “o cliente”, que seria o empregador do intérprete e Pöchhacker (1994) e Moser-Mercer (1996) citam “os colegas de profissão”, representantes do cliente ou usuário e pesquisadores.

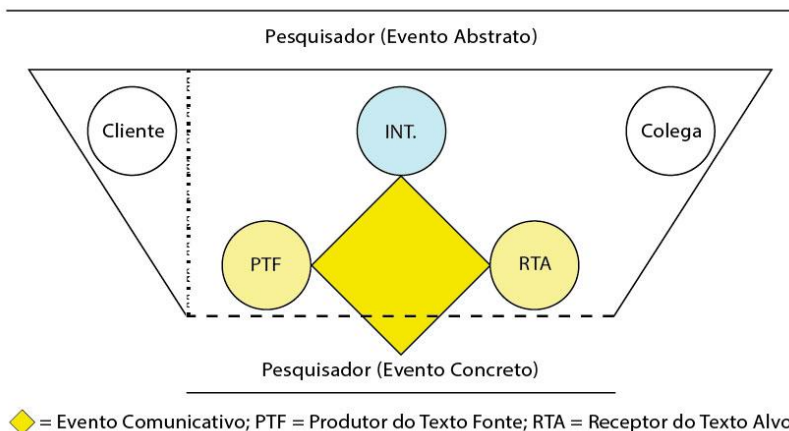
Acreditamos que sujeitos que se intitulam como “bilíngues” devem ser inclusos como potenciais avaliadores, mesmo que nem sempre tenham competência tradutória para avaliarem uma IS. Mas, por terem acesso às duas línguas, eles serão levados pela análise contrastiva a observar o produto final da interpretação, fazendo julgamentos e avaliações. Porém, entendemos que saber duas línguas não constitui um sujeito capaz de tal avaliação, pois, além de desconhecer aspectos mais técnicos e estratégicos utilizados pelo profissional, este sujeito bilíngue não saberá observar todos os fatores que perpassam o evento interpretativo e influenciam as decisões do intérprete.

Vale destacar que, por se tratar de um processo de extrema complexidade, a interpretação não deve ser considerada unicamente como a transposição das palavras de uma língua para outra. Nessa perspectiva, nem sempre o que é produzido na LF é “encontrado” na LA de forma literal. Há elementos no texto que não fazem sentido para a cultura de chegada, que precisam passar por uma interpretação cultural feita pelo profissional, com o objetivo de trazer significado para o público alvo.

Existem várias demandas que influenciam essas decisões feitas pelos intérpretes e que nem sempre são conhecidas pelos envolvidos no evento interpretativo. Ainda assim, observa-se uma participação contínua de pessoas que desconhecem essas demandas e mesmo assim se julgam capacitadas para emitir um parecer sobre a interpretação que estão recebendo, desqualificando as decisões tomadas pelos intérpretes durante o processo interpretativo.

Pöchhacker (2001) apresenta uma figura para ilustrar a perspectiva da qualidade na interpretação, nos dando uma ideia da dinâmica do evento interpretativo e dos envolvidos nele.

Figura 1 – Perspectiva sobre qualidade na interpretação



Fonte: Pöchhacker (2001, p. 412)

Nesta figura apresentada pelo autor, podemos observar alguns “atores” que são passíveis de avaliar a interpretação. O evento comunicativo é representado pelo quadrado e a tríade que o cerca é composta pelo intérprete (INT.), o orador (PTF) e o ouvinte (RTA).

O colega ou a equipe de trabalho, que é representado na figura como “colega”, está em uma posição adicional ao evento, porém diretamente relacionado e em uma perspectiva favorável para a avaliação da interpretação. O empregador (cliente), quem contrata e paga os serviços prestados pelo intérprete, está fora do evento, apesar disso, em uma posição que permite dar seu parecer sobre a qualidade da interpretação.

Além disso, segundo o autor, a figura indica o pesquisador como um agente que não se encontra no evento comunicativo, mas em uma posição que lhe dá uma visão integral de todo o evento, atores envolvidos e suas ações.

Pöchhacker (2001) afirma que a pesquisa sobre a qualidade na interpretação pode focar no produto final ou no processo geral da interação comunicativa e que estes dois focos são primordiais para determinar os padrões de qualidade e os critérios de avaliação. O autor ainda ressalta que as questões de padrões e critérios de qualidade podem ser avaliadas por perspectivas subjetivas e, mesmo que a terminologia utilizada na literatura seja heterogênea, ela traz certo padrão em determinados critérios, como precisão, clareza e fidelidade. Desta forma,

Pöchhacker (2001) diz que estes critérios são voltados ao produto final, orientados por uma perspectiva de tradução literal.

Ao observarmos estes critérios, podemos inferir, mais uma vez, o desconhecimento por parte dos usuários sobre as demandas que permeiam as escolhas do intérprete, impossibilitando uma reprodução da LF para a LA que faça sentido para o público alvo.

Além destes critérios observados, Pöchhacker (2001) acrescenta que na literatura da área (GILE, 1991, p. 198) existe a hipótese de o intérprete “representar plenamente” o produtor do Texto Fonte (TF) em seus interesses e intenções.

Outro critério levantado pelo autor vai além de olhar para a produção na LA ou a reprodução exata dos “interesses e intenções” do autor do TF, mas observar a eficiência na interação comunicativa. Sendo assim, Pöchhacker (2001) diz que, de uma forma geral, a qualidade na interpretação é “medida” pelo êxito do evento comunicativo.

A partir destes critérios apresentados, o pesquisador declara que eles se relacionam diretamente com concepções sobre a função do intérprete, que vai desde o processamento do texto à ação na interação comunicativa. Para ilustrar estes critérios, Pöchhacker (2001) apresenta a figura reproduzida abaixo:

Figura 2 – Normas e qualidade para o serviço e o produto da interpretação



Fonte: Pöchhacker (2001, p. 413)

A partir de todas estas perspectivas apresentadas, os estudos da área criaram diferentes metodologias para contemplá-las, que são apresentadas por Pöchhacker (2001): pesquisas de opinião, pesquisas baseadas em casos, pesquisas experimentais, pesquisas baseadas em *corpus* e pesquisa de estudo de caso. Esta última metodologia, na época em que a pesquisa foi realizada pelo autor, ainda era pouco utilizada nas pesquisas da área da interpretação, porém é a mais eficaz, pois permite que o pesquisador colete e explore o máximo de informações de um único caso.

Com base em todas as informações apresentadas no artigo, uma das conclusões de Pöchhacker (2001) é de que medir a qualidade na interpretação é algo complexo e desafiador, pois a IS é uma atividade com características variáveis que são modificadas a partir das particularidades apresentadas pelo contexto.

Ainda segundo o autor, o serviço prestado pelo intérprete é essencialmente tornar acessível a mensagem de origem no contexto sociocultural do público alvo. Sendo assim, até que ponto o intérprete deve ser visto, também, como um mediador cultural?

Esta pergunta levantada por Pöchhacker (2001) é corroborada pela pesquisadora e intérprete surda Ângela Stratiy (2005), que apresenta vários fatores culturais pertencentes à comunidade surda que estão presentes na língua de sinais, ou seja, não é somente a língua, mas a cultura que o profissional deve conhecer e se apropriar para que a mensagem não seja apenas “passada” para o público alvo, mas que faça sentido na sua língua e cultura.

As questões apresentadas por Pöchhacker (2001) nos fazem refletir sobre o que perpassa o evento comunicativo, atingindo e influenciando as decisões do intérprete. Tais demandas nem sempre estão evidentes aos usuários, contudo, na maioria das vezes, eles se julgam aptos a emitirem uma avaliação sobre a qualidade da interpretação.

2.2 DEMANDAS E CONTROLE NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DE LÍNGUA DE SINAIS (ISLS) DE DEAN E POLLARD (2001)

Nesta subseção, apresentaremos e discutiremos as demandas que influenciam a atuação dos intérpretes e que por consequência interferem no produto final apresentado por eles. Para tanto, trazemos à discussão o estudo feito por Dean e Pollard (2001), que aplicaram a teoria de “Demanda e Controle”⁷ na interpretação de língua de sinais.

Dean e Pollard (2001) entendem que demandas são as exigências do trabalho sobre o intérprete, sendo externas a ele – provenientes de questões linguísticas, do ambiente onde o evento interpretativo está ocorrendo, da relação do intérprete com os participantes deste evento –, e/ou internas – referentes ao próprio sujeito. Já o controle é o grau de decisão do intérprete sobre essas exigências.

Os autores ainda ressaltam que as demandas são fatores fundamentais na qualidade do trabalho do intérprete. Conforme os autores, a teoria de “Demanda e Controle” proposta por Karasek (1979) é um método de análise utilizado nos estudos de estresse ocupacional, que tem o objetivo de identificar e reduzir doenças relacionadas ao estresse, lesões e *burnout* (síndrome do esgotamento profissional).

Os autores, Dean e Pollard (2001), refletem sobre o conceito de “Controle” ou “Autonomia de Decisão”, apresentado por Karasek (1979), e ainda algumas doenças como: Lesões por Traumas Cumulativos (LTC), mais conhecida como Lesões por Esforços Repetitivos (LER), volume de trabalho e *burnout* relacionados à profissão do intérprete de língua de sinais, com base na teoria de “Controle de Demanda”.

Dean e Pollard (2001) mostram que os estudos do campo da saúde ocupacional são aplicados há décadas com o objetivo de instruir o

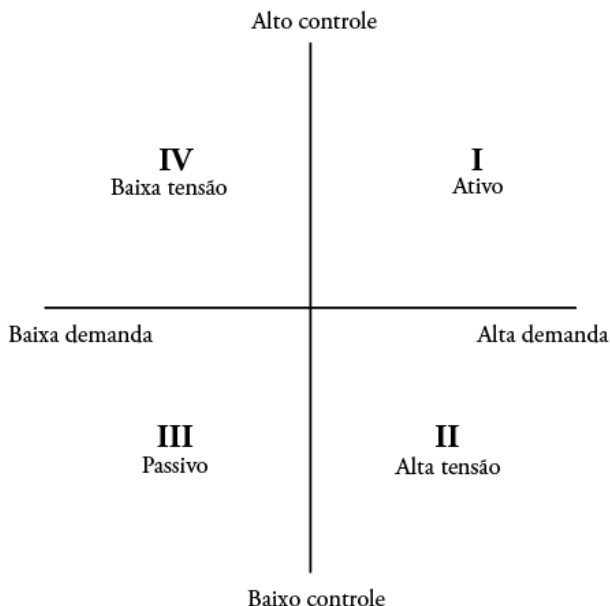
⁷ Do original *Demand-Control Theory*.

setor empresarial sobre o estresse ocupacional. Os autores destacam algumas pesquisas que apontam o estresse ligado a lesões, doenças, absenteísmo e baixa produtividade, a saber: Karasek (1979); Karasek & Theorell (1990); Schnall & Landsbergis (1994); Theorell & Karasek (1996); e ainda pesquisas aplicadas à profissão do intérprete: DeCaro, Feurerstein, & Hurwitz (1992); Heller, Stansfield, Stark, & Langholtz (1986) e Watson (1987).

Uma questão importante apontada pelos autores é que, embora exista a preocupação com a redução do estresse no trabalho, as mudanças para que isso aconteça são aplicadas no ambiente de trabalho ou no profissional de forma separada, visando uma mudança no comportamento do sujeito para a conseqüente redução do estresse. Porém, os estudos apontam que o estresse é inerente ao trabalho e, portanto, o objetivo da intervenção deve ser focado em ensinar o sujeito a lidar com o estresse ao invés de reduzi-lo.

Para ilustrar, Dean e Pollard (2001) apresentam a figura “Dimensões interativas da Teoria de Controle de Demanda”, que foi reproduzida e adaptada por eles do estudo feito por Karasek (1979), com autorização do autor.

Figura 3 – Dimensões interativas da Teoria de Controle de Demanda



Fonte: Dean e Pollard (2001, p. 2)

Os autores afirmam que o estresse e/ou satisfação no trabalho têm relação direta com o controle do indivíduo sobre as demandas apresentadas pelo ambiente de trabalho e que a alta demanda no trabalho não resulta necessariamente em estresse.

Dean e Pollard (2001) apresentam pesquisas (KARASEK, 1979; KARASEK & THEORELL, 1990; THEORELL & KARASEK, 1996) evidenciando que os sujeitos com alta demanda e alto controle podem sentir menos estresse do que os sujeitos com alta demanda e baixo controle.

No quadrante I da figura, temos alta demanda e alto controle, portanto, um ambiente ativo; por exemplo, um intérprete de língua de sinais formado em Letras que atua em um contexto educacional em nível de pós-graduação, com anos de experiência, recebe demandas de atuação em disciplinas da Linguística. As disciplinas (demanda) tratam de assuntos conhecidos pelo intérprete, ou seja, o nível de decisão sobre o seu processo interpretativo (controle) contribuirá para o andamento das atividades com pouco ou nenhum estresse.

No quadrante II da figura, temos alta demanda e baixo controle, havendo assim um ambiente tenso; por exemplo, um intérprete de língua de sinais experiente que atua principalmente em contexto educacional é contratado para atuar em uma empresa automobilística, para um público aproximado de vinte surdos, em uma palestra sobre produção em série de peças de motor. A palestra específica (demanda) requer um alto grau de competência referencial por parte do intérprete, sendo que a falta desta competência implica no entendimento prejudicado da palestra por parte do público, o que gera dúvidas e questionamentos acerca do que está sendo apresentado. Entretanto, o que é possível ser feito com o conhecimento que o intérprete tem foi realizado (controle).

No quadrante III da figura, temos baixo controle e baixa demanda, gerando um ambiente passivo; por exemplo, uma equipe de intérpretes de língua de sinais de uma universidade, coordenada por um profissional que desconhece as reais atribuições/competências desta equipe, coloca-os para atuar em secretarias de cursos que não têm alunos surdos matriculados, eventos sem a presença de surdos, recepção da universidade. Enfim, nos locais onde estes intérpretes atuam não existe a presença do público alvo (demanda) e a falta de poder para decidir (controle) onde seria o melhor lugar para atuarem gera este ambiente passivo, com limitações na demanda e no controle.

Para finalizar a figura, no quadrante IV, temos uma situação que segundo Dean e Pollard (2001) alguns podem achar estressante, desagradável ou até mesmo uma situação relaxante, porque o indivíduo tem muito controle e baixa demanda, propiciando assim um ambiente de baixa tensão.

Por exemplo, imaginemos a mesma equipe do exemplo anterior que possui profissionais qualificados (controle) para a atuação no contexto educacional. Por questões legais de acessibilidade, os chefes destes ILS são obrigados a contratá-los mesmo que não haja a presença de surdos, desta forma, são alocados em um espaço em que o público alvo específico, neste caso os surdos, não está presente podendo gerar a insatisfação na realização do trabalho, pois, sabem que o seu trabalho está sendo em vão.

Na pesquisa dos autores Dean e Pollard (2001), é apresentado o estado da arte dos estudos sobre estresse na interpretação. Os autores afirmam que alguns destes estudos são baseados em questionários sobre a satisfação no trabalho, o estresse e *burnout*, tais como: Branam (1991); Heller et al. (1986); Neville (1992); Swartz (1999) e Watson (1987).

Os autores ainda apresentam os resultados desses estudos que indicam diferentes demandas causadoras do estresse e a *burnout*, a

saber: Heller et al. (1986) identifica a restrição na sua função profissional, qualidade no trabalho, falta de compreensão da função do intérprete por parte dos clientes, capacidade limitada para auxiliar os clientes; Branam (1991), citado por Neville (1992), afirma que a hostilidade dos clientes para com os intérpretes é a principal razão dos intérpretes terem a *burnout*; Harvey e Gunther (1994) apontam as situações injustas que prejudicam as pessoas surdas como causadoras do estresse no intérprete e Heller et al. (1986) constatam que, na visão dos intérpretes, a existência da reação emocional no trabalho já é considerada uma quebra do código de ética do profissional.

No Brasil, um estudo desta natureza ainda não foi realizado, levantando todas as causas do estresse do ILS, portanto, não sabemos quais demandas são culpadas pelo estresse destes profissionais e quais consequências podem trazer para eles e para a área como um todo, sendo que a necessidade de uma pesquisa que aborde estas questões é extrema, pois, percebem-se atualmente alguns casos de doenças nos ILS brasileiros.

Dean e Pollard (2001) apresentam também alguns estudos (DECARO et al., 1992; *National Technical Institute for the Deaf* (NTID), sem data; NORRIS, 1996; PEPER e GIBNEY, 1999; *Registry of Interpreters for the Deaf* (RID), 1997; SANDERSON, 1987 e STEDT, 1992) que evidenciam uma enorme incidência de Lesões por Traumas Cumulativos (LTC), por exemplo, inflamação dos tendões, tendinite e bursite, associando o estresse psicológico como causador destas lesões (*National Technical Institute for the Deaf* (NTID), sem data e SANDERSON, 1987). Por consequência das lesões, existe o afastamento parcial ou total desses intérpretes do trabalho, ocasionando a falta destes profissionais nos Estados Unidos da América (cf. JACKMAN, 1999; MATTHEWS, 1994 e SANDERSON, 1987).

Os autores Dean e Pollard (2001) ressaltam que, assim como no setor empresarial, o estresse e as lesões causadas pela ocupação profissional também são tratados como algo inerente ao trabalho do intérprete. Sendo assim, a literatura da área lida com a questão apresentando ferramentas como forma de intervenção no próprio intérprete ou no ambiente de trabalho, com o objetivo de redução do estresse e das lesões, por exemplo: alongamento, fortalecimento muscular, posicionamento correto das mãos e do corpo ao sinalizar, descanso, assento ergonômico, apoio lombar, temperatura agradável do ambiente, entre outras. No entanto, todas estas ações são focadas no intérprete.

Para aplicar a teoria de Demanda e Controle na profissão do ILS, Dean e Pollard (2001) falam primeiramente sobre as demandas, apresentando a tabela abaixo.

Tabela 1 – Categorias e exemplos de fontes de demanda no trabalho de interpretação de língua de sinais

Tipos de Demanda	Fontes
Linguística	Modalidade de comunicação dos clientes Fluência linguística dos clientes Velocidade de comunicação dos clientes Volume da voz; espaço de sinalização Habilidades de recepção do intérprete Habilidades de expressão do intérprete Uso de vocabulário técnico
Ambiental	Natureza geral da atribuição Configuração específica da atribuição Visibilidade Ruído de fundo Temperatura do ambiente Produtos químicos e odores Disposição dos assentos Qualidade de iluminação Distrações visuais
Interpessoal	Compreensão dos participantes sobre o papel do intérprete Anuência dos participantes sobre os seus papéis Comunicação dirigida ao intérprete Dinâmica na relação de poder e autoridade Opressão, desonestidade, injustiça, etc. Controle na comunicação, por exemplo, troca de turno
Intrapessoal	Dinamismo e intensidade do evento “ <i>Vicarious reactions</i> ” (ficar com os sentimentos que a situação gera) Preocupações com a segurança Reações fisiológicas e distrações Dúvidas ou perguntas sobre o desempenho Disponibilidade de supervisão e apoio Anonimato e isolamento Nenhuma proteção legal da confidencialidade Preocupações com a responsabilidade

Fonte: Dean e Pollard (2001, p. 5, tradução nossa)

Os autores assumem que existe a possibilidade das demandas coocorrerem no momento da interpretação e ainda identificam que elas

não são estáticas em seus contextos, por isso, não é apropriado rotular contextos com níveis estáticos de demanda. Eles exemplificam esta última questão dando duas situações: a primeira é uma interpretação legal e a segunda é uma interpretação na formatura de uma criança na pré-escola que tem os pais surdos.

À primeira vista, quando imaginamos este contexto inicial, inferimos que é a situação com a maior possibilidade de surgir diferentes tipos de demanda, porém, neste exemplo, todos os envolvidos na interpretação compartilham conhecimentos sobre as especificidades da língua e cultura surda. O sujeito surdo em questão é politizado o suficiente para enfrentar essa situação de maneira natural e o intérprete tem formação na área jurídica, ou seja, todos os fatores favorecem para que o ILS tenha total controle sobre a situação.

Na segunda situação, existem várias câmeras filmadoras apontadas para o intérprete; o coral formado pelos alunos canta de forma incompreensível e neste momento os pais pedem para o intérprete continuar sinalizando para poderem filmar; no momento em que o filho do casal surdo tenta fazer o discurso de formatura ele se emociona e começa a chorar e os pais aflitos pedem para o intérprete segurar o outro filho de três meses para irem acalmar o filho que está chorando, ou seja, demandas que são maiores que o controle do intérprete sobre a situação.

Dean e Pollard (2001) concluem que tanto os resultados positivos quanto os negativos de um determinado trabalho não são determinados apenas pela exigência do trabalho em si, mas pela combinação da exigência e do poder de decisão que o sujeito tem para resolver. Os autores ainda revelam que, na maior parte das profissões, o poder de decisão (controle) do profissional é na mesma proporção ou maior que as demandas existentes e este controle é rígido, também, pelo código de ética profissional.

Todavia, os autores destacam que a profissão do intérprete é a única em que, durante todo o processo formativo do profissional e após concluí-lo, ele é orientado a não exercer qualquer tipo de decisão além da categoria de demandas linguísticas (tabela 1), que têm relação direta com o trabalho de interpretação. Prova disso é o código de ética do Registro de Intérpretes para Surdos⁸ (RID, 1994), sendo um dos mais importantes dos Estados Unidos da América e um dos mais citados em publicações da área a nível mundial. Na época, analisado pelos autores, havia uma menção clara de que o intérprete não poderia exprimir

⁸ No original, *Registry of Interpreters for the Deaf*.

nenhum tipo de comentário particular no momento da interpretação e também deveria manter todas as informações obtidas no ato interpretativo no mais absoluto sigilo. O código de ética tem o objetivo de nortear o trabalho de uma determinada categoria profissional, com um conteúdo que é basicamente de princípios, direitos e deveres, limitação nas relações com os envolvidos no trabalho, entre outras questões.

Quadros (2004) apresenta um estudo de forma geral sobre o profissional ILS e algumas questões que permeiam esta profissão, como a história do tradutor intérprete de língua de sinais, a Libras, legislações referentes à profissão, formação do ILS no Brasil e no mundo, modelos de tradução e interpretação, a relação do intérprete e o discurso, contraste entre Libras e Língua Portuguesa, o futuro da profissão e o código de ética.

Segundo Quadros (2004, p. 31):

O código de ética é um instrumento que orienta o profissional intérprete na sua atuação. A sua existência justifica-se a partir do tipo de relação que o intérprete estabelece com as partes envolvidas na interação. O intérprete está para intermediar um processo interativo que envolve determinadas intenções conversacionais e discursivas. Nestas interações, o intérprete tem a responsabilidade pela veracidade e fidelidade das informações. Assim, ética deve estar na essência desse profissional.

O primeiro código de ética que foi aplicado no contexto brasileiro foi traduzido e adaptado para o português do mesmo documento do RID, citado anteriormente. No ano de 1992, ele foi aprovado em um encontro nacional de intérpretes, sendo a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) que aplicava este documento, através do departamento nacional de intérpretes, atualmente extinto.

Da mesma forma que o documento do RID analisado no estudo de Dean e Pollard (2001), observamos a disseminação das mesmas características restritivas do poder de decisão do ILS no código de ética dos ILS organizado pela FENEIS e apresentado em Quadros (2004, p. 32, Art. 2 e 3):

Art. 2º O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo;

Art. 3º O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar-se dos limites de sua função e não ir além de sua responsabilidade; [...]

Este documento delineou a formação e a profissão do ILS por aproximadamente 10 anos, foi adotado por várias associações de ILS e serviu de base para outros códigos de ética criados por estas associações e pela Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS), que apresentou o seu primeiro código de ética em 2011. Mesmo com a reformulação recente do Código de Conduta Ética (CCE)⁹, da FEBRAPILS, publicado no dia 13 de abril de 2014, encontramos vestígios do documento publicado pelo RID há mais de 20 anos, como nos trechos a seguir:

Art. 5º – O CCE da FEBRAPILS tem como princípios definidores para a conduta profissional do TILS e GI¹⁰:

I – Confidencialidade.

Art. 14 – É vedado ao TILS e ao GI:

I. Dar conselhos ou opiniões pessoais, exceto quando requerido e com anuência do Solicitante ou Beneficiário.

No CCE da FEBRAPILS, podemos observar a restrição do poder de decisão que os autores Dean e Pollard (2001) comentam no estudo. Eles focam exatamente nestas questões, a confidencialidade e a restrição de exprimir qualquer tipo de opinião pessoal, por acreditarem que a realidade que é ensinada aos ILS é discrepante dos contextos com os quais eles poderão se deparar no dia a dia do trabalho profissional.

⁹ Disponível em: <<http://www.acatils.com.br/wp-content/uploads/2013/10/CÓDIGO-DE-ÉTICA-FEBRAPILS.pdf>>.

¹⁰ Guia-intérprete.

Os autores entendem a importância dos princípios norteadores do profissional, contidos no código de ética, porém, para eles, a preocupação está tão focada em restringir o controle do ILS sobre as demandas que nos esquecemos do poder de repensar este comportamento em determinados contextos, para evitar maiores prejuízos para os clientes e para o profissional.

Para refletirmos sobre a questão, selecionamos alguns exemplos trazidos por Dean e Pollard (2001, p. 7):

(i) Um palestrante não consegue fazer a sua apresentação com o uso de *slides* por alguns problemas técnicos (demanda ambiental). Porém, o ILS presente conhece o equipamento e pode ajudar a resolver o problema, mas ele tem que se isentar de realizar tarefas que extrapolam a sua função e por isso ele não fala que pode ajudar. O palestrante que se preparou para a sua apresentação com base nos *slides* fica desestabilizado e começa a sua apresentação falando muito rápido. Assim, sua apresentação fica desorganizada, aumentando a demanda linguística para o intérprete.

(ii) Um intérprete que trabalha em um hospital é convidado a interpretar a consulta entre um médico e um paciente surdo com transtorno psicótico agudo, o que influencia a sua língua de sinais, que normalmente é fluente, tornando-se uma produção totalmente distorcida. O intérprete acredita que deve ser fiel ao que está sendo dito, como consta no código de ética, interpretando da mesma forma, ou seja, sem coerência. Ele poderia dizer qual a sua impressão pessoal sobre a língua de sinais do paciente, porém não pode dar nenhuma opinião pessoal; ele poderia dizer que já trabalhou para este sujeito surdo e a língua de sinais dele mudou, mas precisa manter total sigilo das interpretações que já fez. Ao invés de contribuir, ele se retira deste trabalho por estar limitado pelo código de ética de sua profissão e, portanto, o médico não recebe estas informações adicionais e não pode diagnosticar o paciente.

(iii) Em uma consulta, o médico diz para o paciente surdo que ele precisa fazer um tratamento e depois disso continuam conversando. O médico e o paciente acabam esquecendo-se da prescrição do tratamento e o ILS decide não lembrá-los por não fazer parte do seu papel.

O objetivo dos autores Dean e Pollard (2001), apresentando o código de ética do RID e mostrando com argumentos plausíveis que em determinadas situações ele limita as ações dos profissionais em relação às demandas existentes, é demonstrar que isso pode causar um estresse significativo e, ainda, pode prejudicar o processo de interpretação.

Essa discussão não é para fazermos apologia à quebra do código de ética que norteia a profissão, mas, apenas, para mostrar que é

necessário, sim, enfatizar todos estes princípios que estão registrados nos documentos na formação dos ILS. É importante, porém, trabalhar a autonomia e o senso crítico do profissional para que quando ele se deparar com situações que necessitem de uma quebra no código de ética, faça isso de forma consciente e justificada.

Com base nas demandas apresentadas nesta subseção, podemos começar a refletir sobre o que está por trás da decisão de um ILS quando opta em omitir uma informação, pois quando estamos de fora conseguimos ver o produto final do trabalho dele e, dependendo do que nos é apresentado, criticamos e desvalorizamos o seu trabalho, mas, o processo até a chegada deste produto final não é sabido pela maioria dos envolvidos.

Dean e Pollard (2001) concluem o estudo enfatizando a necessidade das quatro categorias de demandas, apresentadas por eles, serem trabalhadas nos cursos de formação de intérpretes. Além disso, ressaltam que os aspirantes a intérprete sejam expostos a situações reais de interpretação através de um estágio supervisionado, e assim tendo a oportunidade de dialogar e esclarecer dúvidas sobre as demandas que enfrentarão, para que tenham possibilidade de controle sobre as demandas, mesmo que o código de ética da profissão contenha as decisões.

Neste mesmo sentido, eles sugerem que os intérpretes reflitam sobre o código de ética e as consequências negativas de uma profissão com pouco ou nenhum poder de decisão sobre as demandas ocupacionais.

2.3 MODELO DOS ESFORÇOS DE DANIEL GILE

Esta subseção tem o papel, também, de nos fazer refletir sobre as demandas que envolvem a tomada de decisão do intérprete simultâneo no evento interpretativo, sendo necessário mais do que apenas lidar com duas ou mais línguas diferentes, transpondo-as de A para B ou de B para A, mas, questões cognitivas que também perpassam o controle do intérprete.

Segundo Daniel Gile (1999), quando apresenta a Teoria do “Modelo dos Esforços”, o intérprete lida com quatro esforços cognitivos simultaneamente: Audição e análise (A), Memória de curto prazo (M), Produção (P) e a Coordenação dos esforços (C). O autor ilustra o seu modelo com a fórmula:

$$IS = A + M + P + C$$

Conforme Gile (1995), podemos definir os esforços da seguinte forma¹¹:

- **A** (Esforço de Audição e Análise): todas as ações que são voltadas para o entendimento completo do texto na língua fonte;
- **M** (Esforço de Memória de curto prazo): a ação de reter e disponibilizar informações do texto da língua fonte para serem produzidas na língua alvo;
- **P** (Esforço de Produção): todas as ações até a concretização da produção do texto na língua alvo, ou seja, representação mental, organização do discurso e produção do mesmo;
- **C** (Esforço de Coordenação): a ação de coordenar todos os esforços simultaneamente de forma equilibrada.

Gile (1999) afirma que o Intérprete de Língua Oral (ILO) tem uma capacidade disponível de processamento (CDP) e que o evento interpretativo apresenta uma capacidade total de processamento (CTP). O autor ainda afirma que o ILO sempre atua no limite da sua CDP e se a CTP ultrapassar a CDP ocorrerão falhas no processo interpretativo, nomeando esta atuação constante no limite de Teoria da “Corda Bamba¹²”.

Para comprovar esta afirmação, Gile (1999) apresenta uma pesquisa experimental em que observou as ocorrências dos erros e das omissões na interpretação de dez ILO profissionais que interpretaram uma entrevista com duração de 1 minuto e 40 segundos. A organização do experimento de Gile (1999) foi a seguinte: (i) todos os ILO estavam interpretando em outro ambiente e imediatamente começavam a interpretar as entrevistas para a pesquisa dele, reforçando a ideia de que o ILO trabalha sempre no limite de suas capacidades cognitivas e (ii) todos os ILO interpretaram o mesmo texto duas vezes seguidamente, ou seja, quando o intérprete finalizou a interpretação pela primeira vez, ele começou a interpretação do mesmo texto novamente, aumentando a sua familiaridade com o texto.

Após as interpretações, o autor identifica e seleciona o que seriam, para ele, os erros e as omissões e pede opinião de mais dois

¹¹ Para maiores informações ver Gile (1995).

¹² Ou no original *tightrope*.

intérpretes, que validam a sua análise, afirmando serem erros e omissões, porém ele não define quais os critérios para afirmar o que seria erro e omissão na IS.

Como conclusão, Gile (1999) comprova sua afirmação inicial com dois argumentos: (i) mesmo que o texto que está sendo interpretado seja de fácil compreensão, foram identificados erros e omissões na interpretação. Sendo assim, as dificuldades não estavam no texto fonte e sim na saturação da capacidade cognitiva dos intérpretes e (ii) mesmo que o intérprete conheça o texto fonte (interpretando duas vezes) haverá novos erros e omissões, como aconteceu no experimento, comprovando mais uma vez a ideia de que o intérprete sempre trabalha com os seus níveis de saturação elevados, podendo ultrapassar sua capacidade cognitiva disponível a qualquer momento.

Gile (2014)¹³ em seu mais recente estudo aplica o Modelo dos Esforços a ISLS, com base no estudo de Pointurier-Pournin (2014 apud GILE, 2014) apresentando esforços que são específicos deste tipo de IS, entre uma Língua de Sinais e uma Língua Oral, com isso o autor apresenta nova fórmula:

$$\mathbf{R + M + P + C}$$

- **R:** O esforço da Recepção (ouvir ou ver e analisar o discurso de origem) inclui todas as operações a partir da percepção dos sons/sinais do discurso de origem para as decisões sobre o que significa o que o orador deseja dizer.

O autor, Daniel Gile (2014), ainda apresenta outra fórmula definindo os novos esforços, com base em Pointurier-Pournin (2014):

$$\mathbf{R + M + P + AGE + IIS + C}$$

- **AGE** (Autogestão no Espaço¹⁴): Este esforço inclui o posicionamento físico do intérprete e o uso do espaço de forma que ele/ela possa otimizar a recepção do discurso fonte e a visibilidade das pessoas surdas na plateia.

¹³ No prelo.

¹⁴ Do original *Self-Management in Space*.

- **IIS** (Interação Imediata com as pessoas Surdas¹⁵): Enquanto oradores ouvintes falam, as pessoas surdas na sala podem sinalizar entre si ou para o intérprete, que tem que detectar as suas mensagens e responder às vezes, o que exige recursos de atenção.

Uma questão interessante levantada pelo autor com base em Pointurier-Pournin (2014) é que neste tipo de IS a memória do espaço de sinalização é utilizada de forma intensa para conseguir recuperar as informações de onde os “itens” produzidos para a LS foram colocados.

As contribuições de Daniel Gile em seu primeiro experimento (1999) são de grande valia para a área dos Estudos da Interpretação, contudo, no nosso ponto de vista, a forma que ele apresenta os erros e as omissões, identificadas nas IS como sendo sinônimos, corrobora para que olhem para estes fenômenos como sendo iguais.

2.4 DEFINIÇÃO DE ESTRATÉGIA NA IS

Esta subseção tem o objetivo de apresentar uma outra perspectiva sobre as omissões, a estratégia. Para tanto, buscamos esclarecer primeiramente o que seria estratégia de uma forma geral e, ainda, apresentar algumas estratégias disponíveis e aplicáveis aos ILS conforme Leeson (2005).

Diariamente ouvimos expressões do tipo “esta foi a minha estratégia”, de ILS profissionais, mas o que define uma estratégia? O que define uma escolha interpretativa como estratégia? Para a nossa discussão usaremos a definição segundo o minidicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p. 297, grifo nosso):

es.tra.té.gia sf. 1. Arte militar de planejar e executar movimento e operações de tropas, navios e/ou aviões para alcançar ou manter posições relativas e potenciais bélicos favoráveis a futuras ações táticas. 2. **Arte de aplicar os meios disponíveis ou explorar condições favoráveis com vista a objetivos específicos.**

¹⁵ Do original *Online Interaction with Deaf persons*.

Com base nesta definição apresentada, podemos observar que as estratégias são utilizadas para alcançar objetivos específicos, ou seja, são recursos utilizáveis para alcançarmos algo que precisa estar claro para que as escolhas das estratégias não sejam aleatórias e isso não prejudique o processo.

No caso do ILS, o objetivo principal do seu trabalho é estabelecer uma comunicação fluída e bem-sucedida entre pessoas que falam línguas diferentes e que desejam interagir. Sendo assim, as estratégias são empregadas para manter o bom andamento desta comunicação. Mesmo que em algum momento o processo falhe, o ILS terá este objetivo principal em mente e buscará restabelecer a comunicação.

2.4.1 Tipos de Estratégias Linguísticas na IS

Os tipos de estratégias para a ISLS ainda são um assunto vago e com falta de estudos que as apliquem em contextos reais de interpretação, para comprovar a utilidade destas estratégias para os intérpretes e assim justificar o uso delas na IS.

Leeson (2005) apresenta um artigo que tem o objetivo de discutir alguns desafios na IS e quais as estratégias que os ILS utilizam para “maximizar” o seu desempenho, ou ainda, melhorar a qualidade do seu trabalho. Para isso, a autora apresenta algumas estratégias que *a priori* foram vistas como equívocos na IS, porém, ela considera que, dependendo do contexto, não podemos considerá-las como equívocos.

De acordo com a autora, os desafios para um intérprete tomar decisões em um evento interpretativo se baseiam em aspectos relativos à linguagem e ao contexto em que ela está acontecendo. Alguns exemplos destes aspectos são: a intenção dos participantes do evento, conhecimento de mundo do intérprete, competência referencial do intérprete, inferências do intérprete, fatores extralinguísticos do evento interpretativo, aspectos culturais, entre outros.

Leeson (2005) discute o Modelo dos Esforços apresentado por Daniel Gile (1995), como visto na subseção 2.3, e descreve resumidamente algumas estratégias de enfrentamento linguístico utilizadas por intérpretes profissionais, às quais prenderemos a nossa atenção para relacionar com a discussão.

As principais estratégias apontadas por Leeson (2005) com base em Gile (1995) são:

- Omissão¹⁶: é utilizada conscientemente pelos intérpretes, por exemplo: quando existe redundância no texto na língua fonte.
- Adição: é utilizada com o objetivo de deixar claro o texto da língua fonte para o público da língua alvo, por exemplo: o intérprete adiciona uma informação que não foi passada no texto da língua fonte.
- Substituição: é utilizada em casos de pressão do tempo, por exemplo: o intérprete escolhe um termo ou uma frase que seja mais específica ou menos detalhada que a informação na língua fonte. Neste caso, existe a junção de duas estratégias, a omissão e a substituição, e o intérprete tem consciência de que a informação omitida pode fazer falta ao longo do trabalho.
- Parafraseamento: é utilizada principalmente quando o intérprete entende a informação produzida na língua fonte, porém não conhece este conceito ou ele pode não existir na língua alvo.

De acordo com Leeson (2005), as inúmeras escolhas que são feitas pelo intérprete podem trazer resultados positivos e negativos para o transcorrer da interpretação e as estratégias são para auxiliar no bom desempenho da interpretação.

A autora conclui que nem sempre os esforços são gerenciados adequadamente para a realização da interpretação de forma satisfatória, limitando o processo de interpretação. Por exemplo, informações complexas apresentadas no discurso da língua fonte podem exigir uma “energia” maior do que o intérprete tem disponível. Leeson (2005) destaca a importância de termos mais pesquisas sobre as estratégias aplicadas a ISLS e sobre o gerenciamento da energia empregada no processo de interpretação.

Com base nas considerações feitas pela autora, podemos destacar a importância da consciência estratégica do profissional, pois, mesmo que ele tenha poucos segundos para decidir qual estratégia utilizar, ela tem que ser a estratégia ideal para o momento e o contexto, ainda que ele tenha em mente as possíveis consequências que virão com base na sua escolha e as estratégias que ele aplicará para resolvê-las também, caso necessário.

¹⁶ A discussão iniciada pela autora servirá como base para nossa discussão no próximo capítulo.

3 ESTUDOS DA OMISSÃO NA IS

As pesquisas sobre a omissão nos Estudos da Interpretação constituem uma discussão de longa data e muito polêmica, pois algumas concepções tradicionais encaram a omissão como um erro enquanto outras a tratam como uma possibilidade de estratégia na interpretação.

Este capítulo contém a discussão principal do nosso trabalho e, para tanto, tentamos contemplar todas as concepções sobre o assunto, trazendo os trabalhos que acreditamos serem os mais relevantes sobre o tema e nosso posicionamento sobre esses estudos.

3.1 VISÃO TRADICIONAL

As pesquisas sobre as omissões começam com base em uma concepção de interpretação fiel à LF, sendo inaceitável qualquer tipo de interferência no texto por parte do intérprete, ou seja, nenhuma adição, substituição, omissão, etc. é tolerável, portanto o que está sendo dito na LF tem que ser dito na LA.

O trabalho de Barik (1975), que teve como base um estudo seu anterior (BARIK, 1973), apresenta dados qualitativos e quantitativos sobre IS. Os sujeitos que participaram da pesquisa foram: (i) dois profissionais; (ii) dois alunos, recém-graduados em um programa de formação de intérpretes; (iii) dois amadores, sujeitos bilíngues fluentes, mas com nenhuma experiência de interpretação. Desses, um sujeito em cada categoria tinha como sua primeira língua o inglês e segunda língua o francês e o outro sujeito, ao contrário, tinha como primeira língua o francês e segunda, o inglês.

Segundo o autor, o material entregue aos participantes para ser interpretado constituía quatro tipos diferentes: (i) palestra não técnica (material semipreparado, fala espontânea); (ii) contação de história com base em uma imagem e discussão sobre um filme (fala espontânea); (iii) aula formal e não técnica (material preparado de fala) e (iv) leitura de um artigo não técnico (material preparado escrito). As falas preparadas eram idênticas nas duas línguas e as espontâneas eram diferentes, porém as estruturas linguísticas eram passíveis de comparação.

Com base em uma análise contrastiva das línguas interpretadas, o autor identifica que na interpretação que chega ao público alvo existem

omissões, adições, substituições e erros¹⁷. Barik (1975, p. 275) define as omissões como itens lexicais presentes no Texto Fonte (TF) que não são identificados no Texto Alvo (TA) e propõe quatro tipos de omissão, a saber:

- **Pular:** quando é um único item lexical ou uma frase curta de menor importância;
- **Compreensão:** quando há a omissão de uma unidade maior de significado, pela incapacidade de compreender ou traduzir a mensagem da LF, resultando em uma mensagem na LA incoerente;
- **Atraso:** quando há omissão de uma unidade maior de significado devido ao *lag time* excessivo em relação à emissão da LF;
- **Composição:** quando existe a conjunção de elementos diferentes na mesma sentença, resultando em uma sentença com sentido ligeiramente diferente do original, porém com o ponto principal mantido.

O autor afirma que quando a interpretação contém estes fenômenos ela se distancia do TF ou do orador do discurso, assim, se estes fenômenos fizerem com que a interpretação fique em “conflito” com o TF, isso a caracteriza como um erro de interpretação.

Barik (1975), após uma análise qualitativa e quantitativa, com média entre as palavras da LF e da LA, conclui que existe um “fator crítico” na interpretação que é “a habilidade do intérprete em segmentar a mensagem recebida em locais linguisticamente apropriados” (BARIK, 1975, p. 272) e que sem esta habilidade, o IS pode enfrentar inúmeras dificuldades, cometer omissões, adições, substituições e erros, tendo um desempenho inadequado.

O trabalho seminal de Barik (1975) contribuiu significativamente para os Estudos da Interpretação e mais especificamente para os estudos da omissão. Contudo, como podemos observar na pesquisa proposta pelo autor, identificamos não só um olhar qualitativo, preocupado com a qualidade da interpretação que chega ao público alvo, mas argumentos quantitativos evidenciando que a proporção de texto da LF para LA é importante.

¹⁷ Para maiores detalhes ver Barik (1973).

Napier (2004) reflete sobre o resultado de um estudo realizado na interpretação de Língua de Sinais Australiana/Inglês de uma palestra universitária, analisando os fatores que influenciaram as omissões dos intérpretes através das teorias da interpretação e análise do discurso. Nesse trabalho (NAPIER, 2004) são apresentados autores que adotaram a mesma abordagem de Barik (ALTMAN, 1989; COKELY, 1992; MOSER-MERCER et al. 1998; RUSSELL, 2002), julgando as omissões como erros.

Dentre os autores citados por Napier (2004), destacam-se os resultados do estudo realizado por Kopczynski (1980), que toma os mesmos princípios de Barik (1975), porém propõe outras duas subcategorias relacionadas à omissão, a saber: “obrigatórias” e “opcionais”. Kopczynski (1980) argumenta que as omissões obrigatórias são resultado das diferenças entre as estruturas linguísticas das línguas interpretadas.

Napier (2004) afirma que Kopczynski (1980) define as omissões como algo recorrente pelo lapso de memória, incapacidade de escolha do momento ideal para interpretar, pressão do tempo, fadiga, etc., nomeados por ele como erro de desempenho e ainda o não entendimento da mensagem na LF, que é considerado como erro de competência.

Estas demandas exigem decisões imediatas do intérprete, contudo, essas decisões, por mais que sejam feitas em milésimos de segundos, devem ser conscientes, para que o fluxo interpretativo não se quebre ou gere outros problemas no processo interpretativo, prejudicando todo o trabalho.

E ainda, Gile (1999), como visto na subseção 2.3, mesmo que indiretamente, corrobora com este olhar sobre as omissões como um erro, pois no seu estudo apresenta as omissões juntamente com os erros que ele identificou nas interpretações de dez profissionais, sem definir quais critérios utilizou para essa categorização, ou seja, deixando nas entrelinhas que ele considera a mesma coisa.

3.2 VISÃO CONTEMPORÂNEA

As pesquisas que trazem uma visão contemporânea sobre as omissões são destacadas pelo fato de eliminar a ideia de que tudo que o intérprete recebe ele transmite em outra língua. Mesmo que as concepções contemporâneas ainda não as enxerguem como estratégia para uma IS eficaz, elas já começam a aceitá-las, tirando-as do nível do erro.

O estudo realizado por Gile (1999), que apresentamos na subseção anterior, foi de cunho experimental, ou seja, realizado em laboratório, descartando a situação real de interpretação e a influência do contexto. Neste sentido, Anthony Pym (2008) replica a pesquisa de Gile, com o intuito de identificar a influência do contexto, ou “Esforço Oculto”, na IS.

Pym (2008) faz relação entre duas áreas do Estudo da Interpretação: a cognitiva, que embasa o ato da interpretação apenas por fatores cognitivos, que é defendida por Gile (1999) através do Modelo dos Esforços; e a área sociocultural, que evidencia o contexto como fator determinante no desempenho dos intérpretes, defendida por Pym (2008).

O autor começa fazendo um paralelo entre as áreas: enquanto a cognitiva tenta desvendar e mostrar o que acontece no cérebro do intérprete, a sociocultural mostra o quanto o trabalho do intérprete é ligado a este tipo de contexto e que muito do que é feito e dito somente é compreendido quando se está nele.

Pym (2008), ao observar a categorização feita por Gile (1999), dos erros e das omissões em um mesmo nível, realiza uma distinção entre estes fenômenos recorrentes na IS. Primeiro ele separa os erros das omissões e em seguida ele classifica as omissões entre baixo e alto risco. As omissões de baixo risco são utilizadas nos começos falsos, hesitações e repetições desnecessárias; já as omissões de alto risco, quando ocorrem, prejudicam o discurso, podendo levar a não compreensão.

Mesmo com tamanha contribuição para os estudos da omissão na IS, Pym (2008) não apresentou em sua pesquisa quais os critérios utilizados para delimitar as omissões de baixo risco e alto risco, deixando assim, no nosso ponto de vista, estes conceitos indefinidos.

Para complementar os conceitos de omissão de baixo e alto risco apresentados por Pym (2008), trazemos para a discussão Roberts (1992 apud QUADROS, 2004, p. 73), que apresenta seis competências necessárias ao intérprete, a saber: (1) Competência Linguística; (2) Competência para Transferência; (3) Competência Metodológica; (4) Competência na Área; (5) Competência Bicultural; e (6) Competência Técnica.

Neste momento, daremos ênfase à Competência Linguística e, deste modo, tentaremos relacionar as propostas dos dois autores com o objetivo de definir as omissões de baixo risco e alto risco:

(1) Competência Linguística – habilidade em manipular com as línguas envolvidas no processo de interpretação (habilidades em entender o objetivo da linguagem usada em todas as suas nuances e habilidade em expressar corretamente, fluentemente e claramente a mesma informação na língua alvo). Os intérpretes precisam ter um excelente conhecimento de ambas as línguas envolvidas na interpretação (**ter habilidade para distinguir as ideias principais das ideias secundárias e determinar os elos que determinam a coesão do discurso**). (ROBERTS, 1992 apud QUADROS, 2004, p. 73, grifo nosso).

Com a descrição (trecho grifado) desta competência apresentada por Roberts (1992), podemos relacioná-la à proposta de Pym (2008) cujas ideias secundárias seriam as omissões de baixo risco e as ideias primárias seriam as omissões de alto risco. Mesmo com as definições dos dois autores, ainda fica uma pergunta no ar que merece a nossa atenção: como decidir quais são as ideias primárias e as ideias secundárias?

Sandra Gish (1986) apresentou o modelo de estratégia de interpretação “Da intenção ao detalhe”, que tem como base a análise textual. O objetivo deste modelo é ajudar o ILS a identificar a intenção principal e os detalhes de um texto. Gish (1986) foi motivada por uma experiência que teve ao presenciar uma interpretação em uma palestra e acreditar que ela estava sendo eficaz, mas, na verdade, o público alvo da IS relatou que “as palavras estavam claras, porém, o objetivo não”.

A autora desenvolveu este modelo estratégico com o objetivo de formar intérpretes que tenham a capacidade de identificar a intenção do autor do texto, os objetivos específicos, as unidades que serão utilizadas e os detalhes que irão compor o discurso. Segundo Gish (1986) estes quatro elementos são definidos da seguinte forma:

- A **intenção** do discurso do orador é o que vem em primeiro lugar antes mesmo das escolhas das palavras, o que norteia todo o discurso.
- Os **objetivos** são os elos específicos entres os blocos de informação, que os une e é o que dá coerência ao discurso à luz da intenção do orador.

- As **unidades** têm relação com conceitos, as unidades individuais são novas ideias, novos conceitos ou peças de informação. É neste nível que o intérprete se foca para perceber o que é necessário ser transmitido para a LA e qual detalhe (palavra) ele conscientemente poderá descartar.
- Os **detalhes** são os vocabulários e as frases escolhidas para fornecer informações para compor as unidades de informação.

Relacionando as definições de Pym (2008), Roberts (1992) e Gish (1986), podemos concluir que as omissões de baixo risco são os detalhes e as omissões de alto risco são a intenção, os objetivos e unidades, e assim deixar esta sugestão como possibilidade de escolha de informações principais e secundárias.

Ainda nesta mesma visão, a dissertação de Luciano (2005) teve como objetivo principal fomentar as pesquisas dos Estudos da Interpretação no Brasil mostrando a diversidade de tópicos que norteiam a IS e ainda explorar os aspectos linguísticos que permeiam a IS e que são responsáveis por desencadear as omissões.

Respalhada pelo “Modelo dos Esforços”, de Daniel Gile (apresentado na subseção 2.3), a autora analisou a interpretação de dois sujeitos, uma intérprete com vasta experiência e outro sujeito que ela denominou como não intérprete, com quase nenhuma experiência, sendo que a primeira língua dos dois era a Língua Portuguesa e a segunda língua era a Língua Inglesa.

A autora conduziu um experimento, no qual os sujeitos viram o discurso de Colin Powell, Secretário de Estado dos Estados Unidos da América, apresentado ao Conselho de Segurança da ONU em inglês americano, e o interpretaram para o português, tendo o áudio da interpretação gravado.

Imediatamente após a IS, os sujeitos foram conduzidos pela pesquisadora a uma análise retrospectiva da IS com o suporte do áudio gravado e o discurso transcrito, fazendo uma análise dos problemas que eles identificaram e sendo questionados quando a pesquisadora sentiu necessidade. Os resultados do experimento mostraram que os fatores linguísticos analisados (nível léxico-semântico, nível sintático, nível fonético e as variáveis temporais) interferem significativamente na IS.

No nível léxico-semântico, a autora identificou no discurso da LF a pouca ocorrência de redundância, nomes próprios e conceitos com

significado obscuro (*phrasal verbs*¹⁸), que segundo ela demandam tempo para o ILS encontrar um significado na LA e, se ele “ficar preso” buscando o significado, pode prejudicar o tempo reservado para o processamento dos próximos elementos do discurso.

No nível sintático, a diferença estrutural das línguas interpretadas (inglês para português) exige mais tempo de processamento do ILS, que espera a chegada da sentença completa para entender o significado e poder produzir na LA. A autora argumenta que essa “perda de tempo” é um dos motivos que podem desencadear as omissões.

No nível fonético, segundo a autora, a redução das vogais e monossilabismo do inglês dificultam o entendimento por parte do intérprete e mesmo que os dados do experimento não tenham indicado nenhuma relação direta deste tipo de aspecto linguístico com problemas na IS, não podemos descartar as omissões causadas por elas.

Luciano (2005) identificou em seu estudo que o fator tempo influencia todos os outros fatores linguísticos (nível léxico-semântico, nível sintático e nível fonético) analisados durante a pesquisa. A autora calculou a quantidade de sílabas do discurso na LF com base em uma tradução escrita desse discurso, identificando que os sujeitos deveriam falar 36% a mais do que o discurso em inglês para produzirem uma interpretação sem omissões. Após a obtenção dos dados, Luciano (2005) ainda mediu a velocidade das falas dos sujeitos em relação ao orador do discurso, concluindo que algumas omissões são indispensáveis por questão de tempo e para a melhor compreensão do discurso pelo receptor.

A discussão proposta por Luciano (2005) nos evidencia a quebra do principal paradigma ao qual as pesquisas sobre omissão tendiam, o erro, deixando assim de apontá-la como algo prejudicial, um defeito produzido pelo intérprete, e começando a querer entender o porquê de as omissões acontecerem e quais os impactos causados por elas.

Korpál (2012) propõe uma pesquisa que tem como principal objetivo verificar se intérpretes novatos e experientes veem as omissões como uma estratégia. Para isso, o autor fez um breve levantamento do estado da arte dos estudos da omissão observando trabalhos que classificam a omissão como um erro (ALTMAN, 1994; BARIK, 1994; GILE, 1995 e 1999; e SETTON, 1999) e trabalhos que as olham por uma perspectiva pragmática e afirmam que é uma decisão consciente do

¹⁸ Para maiores informações ver Luciano (2005).

intérprete, que ocasiona o não entendimento do que está sendo interpretado (VIAGGIO, 2002; VISSON, 2005; e PYM, 2008).

Korpál (2012) faz uma pesquisa de cunho experimental, simulando um contexto real de interpretação, cujos participantes interpretaram duas gravações de um discurso em inglês, sendo que ambos os discursos tinham uma versão na velocidade normal (130 palavras/min) e outra mais rápida (texto 1: 177 palavras/min. e texto 2: 180 palavras/min.) para o autor identificar se a velocidade da chegada do discurso influenciava na quantidade de omissões realizadas pelos intérpretes.

O autor ainda aplicou um questionário com os participantes da pesquisa para verificar se eles utilizam as omissões de forma deliberada, que foi dividido em duas partes: (i) perguntas específicas sobre o uso das omissões por uma perspectiva pragmática e (ii) perguntas sobre os motivos das omissões realizadas.

O resultado da primeira parte mostrou que os participantes utilizam a omissão como um ato deliberado, contudo, as respostas evidenciam que eles (novatos e experientes) têm a mesma consciência de que existem situações específicas nas quais os intérpretes são “permitidos ou devem” omitir.

O resultado da segunda parte identificou que a maioria dos participantes sentiu a necessidade de organizar o discurso da LF para a interpretação ser mais eficaz e, para isso, alegaram a necessidade de omitir algumas informações. Outra questão importante relatada pelos participantes é que na versão rápida do texto interpretado eles tiveram que omitir algumas informações para preservar as mais importantes.

Korpál (2012) apresenta os resultados e complementa dizendo que existe uma relação entre a velocidade da chegada do discurso com o número de omissões, quanto mais veloz a chegada do discurso mais omissões, e que os dois grupos de participantes (novatos e experientes) têm praticamente a mesma média de omissões.

No discurso na velocidade normal, eles omitiram informações redundantes e, com a velocidade maior da chegada do discurso, a taxa de omissões de informações que julgaram desnecessárias para o público alvo foi maior. Porém, na análise, o autor identificou que nesta segunda versão do discurso (rápida) foram omitidas informações relevantes na interpretação dos novatos e não na interpretação dos experientes, inferindo assim que a experiência dos intérpretes contou no momento de decidir quais informações eram relevantes. O autor conclui que os dados apresentados revelaram uma “nova luz” sobre o uso das omissões na IS

e que as pesquisas até o momento são “suficientes” para o entendimento inicial deste fenômeno, mas que ainda há muito a ser investigado sobre essa temática.

A pesquisa proposta pelo autor nos mostra, mais uma vez, que os estudos contemporâneos sobre as omissões na IS têm um outro viés, fugindo do tradicional, não olhando apenas para o produto final da IS, mas investigando também o processo para entender os motivos que ocasionam as omissões e como melhor empregá-las.

3.3 CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DA LÍNGUA DE SINAIS (ISLS) PARA OS ESTUDOS DA OMISSÃO

O objetivo desta subseção é apresentar algumas pesquisas da área dos Estudos da Interpretação Simultânea da Língua de Sinais nas quais o objeto de estudo são as omissões, analisando se elas são o resultado de algum outro fator investigado, relacionando-as com o que temos discutido neste trabalho até o momento. Para isso, organizamos estas pesquisas em ordem cronológica.

Esta temática tem interessado aos Estudos da Interpretação Simultânea da Língua de Sinais há um bom tempo. Prova disso é a pesquisa desenvolvida por Dennis Cokely (1986) que teve o objetivo principal de verificar os efeitos do tempo de atraso (*lag time, décalage* ou *ear-voice span - EVS*) na IS, que segundo ele foi identificado na literatura variando entre 2-3 segundos (BARIK, 1972) e 10 segundos (OLERON e NANPON, 1965) de atraso em relação ao discurso da LF.

O autor realizou as filmagens de quatro intérpretes com aproximadamente 12 anos de experiência cada um, em interpretações do Inglês para a Língua Americana de Sinais (ASL) em contexto de conferência, que segundo o autor é o contexto mais complexo de atuação do intérprete simultâneo.

Conforme Cokely (1986), a necessidade do tempo de atraso entre a produção do discurso na LF e a interpretação na LA pode desencadear equívocos na IS, sendo que estes equívocos são definidos por ele como as informações da LF que são apresentadas diferentemente na IS.

A partir desta definição, Cokely (1986, p. 346)¹⁹ apresenta a “Taxonomia dos Equívocos”:

¹⁹ Para maiores detalhes ver Cokely (1986).

- Omissões: informações lexicais da LF que não são interpretadas para a LA.
- Omissão morfológica: omissão de morfema da LF que contém informação.
- Omissão lexical: omissão de item lexical da LF que contém informação.
- Omissão coesiva: omissão de conectores da LF que são responsáveis por ligar os blocos de informação para que tenham sentido.
- Acréscimos: informação que não existe na LF e é identificada na interpretação para a LA.
- Acréscimos não manuais: sinais não manuais que são realizados simultaneamente com os sinais manuais na interpretação e que apresentam uma informação que não existe no discurso na LF.
- Acréscimos lexicais: itens lexicais na interpretação que incluem informações que não são apresentadas na LF.
- Acréscimos coesivos: itens encontrados na interpretação que ligam informações no discurso que não são apresentados na LF.
- Substituições: informações da LF que são substituídas na interpretação e entram em desacordo com a intenção da mensagem original.
- Substituição expansiva: itens lexicais da LF que são substituídos na interpretação ampliando o significado da informação da LF.
- Substituição restritiva: itens lexicais da LF que são substituídos na interpretação restringindo o significado da informação da LF.
- Substituição coesiva: itens lexicais na interpretação que alteram a relação das informações que são apresentadas na LF.
- Substituição não relacionada: itens lexicais na interpretação que não têm motivação na LF, desviando a mensagem.
- Intrusões: a interpretação segue a estrutura da LF.
- Intrusão lexical: itens lexicais da LF interpretados literalmente para a LA.
- Intrusão sintática: sintaxe da LF interpretada literalmente para a LA.
- Anomalias: a mensagem na LA não tem sentido ou é confusa.
- Anomalias na enunciação da LA: produção de enunciados sem sentido.

- Anomalias na interpretação: a mensagem na LA contém expressões desnecessárias que não tiveram motivação na LF ou uma parcela significativa da mensagem foi omitida.

Através das filmagens e com base nas categorias de equívoco, apresentadas anteriormente, o autor analisou e pôde apontar fatores relevantes que interferem diretamente na IS, que destacaremos a seguir.

Os sujeitos analisados pelo autor tiveram uma variação de tempo de atraso, dois tiveram o atraso inicial de dois segundos, mantendo a variação média do tempo entre 1-5 segundos e outros dois sujeitos tiveram o tempo de atraso inicial de quatro segundos e uma variação do tempo entre 1-6 segundos.

Na discussão sobre o tempo de atraso e as omissões, o autor destaca que o maior grau de omissões que ocorreu foi o de cunho lexical, ressaltando novamente que elas aconteceram justamente com os intérpretes que tinham o tempo de atraso menor em relação ao discurso na LF.

O autor destaca que as omissões lexicais são de menor gravidade em relação às omissões de coesão e às omissões morfológicas, por permitirem que o público alvo compreenda a mensagem, mesmo que ela chegue com estas “lacunas”. Segundo ele, a maioria das pessoas julga que a interpretação deve manter-se “colada” com a fala do orador, com base na ideia de que quanto menor o tempo de atraso, menos omissões o intérprete fará, porém os dados mostraram que com o tempo de atraso maior, houve menos omissão e o intérprete pôde analisar o valor das informações que chegaram da LF.

Em suma, Cokely (1986) ainda analisa o tempo de atraso e a sua relação com cada categoria de equívocos (acréscimo, substituição, intrusões e anomalias) e em todos os casos a maior quantidade de equívocos ocorreu com os intérpretes que tinham o tempo de atraso mais curto.

Para Cokely (1986), o problema maior é na categoria das intrusões, que na análise dele ocorreu inúmeras vezes, sendo motivo de preocupação por acarretar problemas tanto para os clientes (não compreensão da mensagem e estranhamento na discordância linguística) quanto para os intérpretes (falta de confiança e questionamento dos clientes sobre a interpretação que estão recebendo).

Cokely (1986) identificou que o maior número de equívocos ocorreu com os intérpretes que tinham o tempo de atraso menor em relação ao discurso da LF. Ele afirma ainda que, quanto maior o tempo de atraso, mais informações o intérprete tem para produzir uma

mensagem mais eficaz, e quanto menos tempo de atraso, mais risco de cometer equívocos ele corre.

O autor lembra, ainda, que se manter mais afastado do discurso da LF não é uma regra arbitrária, tendo em vista que a capacidade de manter uma interpretação com o tempo de atraso maior pode variar entre os intérpretes, sendo que alguns podem ser incapazes de manter essa distância tão significativa em relação ao discurso da LA, mantendo o fluxo constante de interpretação sem maiores problemas.

O trabalho de Cokely (1986) é seminal nas discussões sobre as omissões na interpretação de língua de sinais e ainda sobre outros “equivocos” que são frutos do tempo de atraso da interpretação em relação à emissão do discurso na LF, que é algo intrínseco à IS. Entretanto, o autor relaciona as omissões em um conjunto de categorias denominado de “Taxonomia dos Equívocos”, corroborando para uma visão tradicional sobre o tema.

Napier (2001), em sua pesquisa de doutorado, investigou as omissões estratégicas, sendo que as omissões que ela considerou como erros foram produzidas na ISLS entre o par linguístico Língua de Sinais Australiana – Auslan/Inglês. Ela propôs um estudo experimental em que filmou dez intérpretes profissionais interpretando uma palestra universitária, sendo que ela tinha a palestra transcrita, e, simultaneamente à interpretação, fazia anotações na transcrição da palestra quando identificava omissões nas interpretações. Imediatamente após a interpretação, ela apresentou a filmagem para o intérprete parando no momento que tinha identificado as omissões, questionando-o sobre o motivo da omissão e se havia feito isso conscientemente.

Posteriormente às análises das filmagens feitas por Napier e os sujeitos da pesquisa identificando os motivos das omissões, o resultado da pesquisa foi a identificação dos tipos de omissões realizadas pelos ILS e a proposta da “Taxonomia das Omissões”, conforme sintetizado no quadro a seguir.

Quadro 1 – “Taxonomia das Omissões”

Categoria das Omissões	Justificativa
Omissões Conscientes	Ocorre quando o intérprete tem consciência da decisão e omite informações relevantes, para tornar a mensagem mais eficaz. Os intérpretes usam seus conhecimentos linguísticos e culturais para decidir qual a informação da língua fonte faz sentido na língua alvo, quais informações são culturalmente relevantes, e o que pode ser redundante.
Omissões Conscientes/Intencionais	Ocorre quando o intérprete faz uma omissão que leva à perda de uma informação relevante. Os intérpretes têm consciência desta omissão e as fazem intencionalmente porque eles não entendem determinada unidade linguística (palavra ou frase) ou não conseguem pensar em um equivalente adequado na língua alvo.
Omissões Conscientes/Involuntárias	Levam à perda de informação relevante. Os intérpretes são conscientes da omissão e a tornam intencional, pois ouvem uma unidade linguística e decidem por “armazenar” e esperar mais informações contextuais ou profundidade dos significados antes de interpretá-la. Por causa da quantidade de entrada da língua fonte e o tempo de atraso, no entanto, os intérpretes esquecem estas unidades armazenadas, omitindo-as.
Omissões Conscientes/Receptivas	Levam a uma perda de informação relevante e ocorrem quando os intérpretes não podem ouvir e identificar quais são as unidades linguísticas, por causa da baixa qualidade do som.
Omissões Inconscientes	Levam a uma perda de informação relevante porque os intérpretes não têm consciência desta omissão e não se lembram de ter ouvido as unidades linguísticas omitidas.

Fonte: Napier (2001)

Napier (2001) conclui que as omissões conscientes podem ser consideradas estratégias linguísticas que, mesmo que os ILS fizessem involuntariamente, tinham consciência de que elas estariam

acontecendo. Segundo a autora, estas omissões estratégicas foram utilizadas para lidar com diferentes tipos de demandas, como: velocidade de entrega da língua alvo, densidade textual, familiaridade com o texto, familiaridade com público alvo.

Diferentemente de Cokely (1986), Napier (2001) marca os estudos sobre omissão na interpretação ao sugerir que elas sejam tratadas como estratégias utilizadas de forma consciente pelos intérpretes, com o objetivo de lidar com determinadas demandas e ainda dando a ideia de que é algo intrínseco ao ato interpretativo.

Em seu estudo posterior, Napier (2002) propõe que as omissões conscientes sejam consideradas como estratégias de enfrentamento linguístico. Para tanto, ela faz uma revisão de literatura sobre o assunto, definindo o conceito de estratégia de enfrentamento linguístico, explorando as nomenclaturas utilizadas neste mesmo viés, elencando as diferentes estratégias linguísticas de enfrentamento utilizadas pelos profissionais e considerando a diferença entre as estratégias reativas e as proativas.

Para defender sua tese de que as omissões são parte integrante das estratégias de enfrentamento linguísticas do intérprete, Napier (2002) baseia-se nos dados do estudo de Napier (2001) e na “Taxonomia das Omissões”, proposto pela mesma autora, afirmando que os profissionais fazem escolhas de forma consciente no momento da interpretação com base no conhecimento linguístico e cultural do público alvo. A autora conclui dizendo que este estudo foi o primeiro a propor a ideia de que devemos enquadrar as omissões com as estratégias linguísticas de enfrentamento, indo contra a perspectiva tradicional, como visto anteriormente, que até então observava este fenômeno no mesmo nível dos erros.

Este estudo proposto por Napier (2002) é importante para mostrar a necessidade de mudança de paradigma sobre as omissões, esclarecendo algumas questões e propondo um novo olhar para este fenômeno, que é rotulado como erro cometido pelo intérprete. Porém, estes estudos ainda são restritos a uma gama limitada de público, os acadêmicos, sendo que no nosso ponto de vista a necessidade maior é a mudança de mentalidade do público alvo, que deve ter ciência deste fenômeno e confiar que as escolhas do profissional não prejudicarão seus interesses.

Napier e Barker (2004) apresentaram um estudo experimental com o objetivo de identificar o nível de consciência metalinguística dos intérpretes em relação às omissões, nas interpretações do par linguístico

Língua de Sinais Australiana – Auslan/Inglês, que segundo a autora foi o primeiro estudo proposto a analisar a interpretação entre estas línguas e que as pesquisas até então estavam focadas nos pares linguísticos Língua de Sinais Americana – ASL/Inglês e Língua de Sinais Britânica – BSL/Inglês.

Os autores Napier e Barker (2004) filmaram a interpretação de dez intérpretes profissionais com mais de dez anos de experiência fazendo a interpretação de uma palestra universitária, anotando na transcrição da palestra todas as omissões cometidas pelos intérpretes e, logo após as filmagens, fizeram entrevistas retrospectivas com os sujeitos da pesquisa para saber o porquê das omissões.

Através desta metodologia, os autores concluíram que o nível de consciência metalinguística é alto, pois os sujeitos apresentaram justificativas para a maioria das omissões, mostrando a consciência deles sobre as escolhas que fizeram no decorrer da interpretação e ainda que esta aplicação de consciência metalinguística é essencial para os intérpretes de qualquer par linguístico poderem identificar as omissões que são feitas de forma correta ou incorreta e poder corrigir isso.

Com este estudo, os autores conseguiram avançar em algumas questões inquietantes para os intérpretes e para o público alvo, que se relacionam ao nível de consciência no momento de escolher quais informações omitir. Para os intérpretes, o crucial é saber qual a melhor escolha, e para o público, é porque o intérprete omitiu, sendo que ele poderia ter interpretado toda a mensagem.

Contudo, nesta pesquisa, podemos ter uma visão geral sobre algumas demandas que influenciam as escolhas dos intérpretes e que não é simplesmente escolher interpretar ou descartar, a questão principal, então, é estar preparado para a situação e para as melhores escolhas.

Outra pesquisa que corrobora para os estudos sobre a omissão na interpretação é a de Napier (2004), que traz uma nova perspectiva sobre as omissões, propondo, com base em um estudo experimental, que existe a necessidade de olhar para as omissões com mais cuidado, pois, segundo o seu estudo, os intérpretes utilizam as omissões de forma proativa, com maior incidência no momento em que se deparam com as partes densas do discurso e, ainda, que esta perspectiva é aplicável às interpretações de línguas sinalizadas e línguas orais.

Com toda a discussão deste trabalho, pudemos observar o trajeto percorrido pelos estudos da omissão na IS e identificar quais os julgamentos que este fenômeno está propenso a receber. Assim, esta

discussão nos serviu de base teórica para entendermos e sabermos justificar de forma clara os fatores determinantes às omissões.

Através destes expostos, olharemos para o nosso *corpus* de pesquisa com o intuito de identificar as omissões e, posteriormente, entender os motivos que as geraram com a ajuda das entrevistas retrospectivas, focando nelas para conseguir responder à nossa pergunta de pesquisa: o que leva o Intérprete de Língua de Sinais (ILS) a omitir?

4 METODOLOGIA

Este capítulo detalha o passo a passo da nossa metodologia, bem como o referencial teórico que a embasa.

4.1 TIPO DE PESQUISA E ABORDAGEM DE PESQUISA

A pesquisa a que nos propusemos fazer teve caráter exploratório, pois buscamos constatar e entender um fenômeno. No nosso estudo, o que buscamos entender é a omissão que acontece na ISLS. A abordagem da pesquisa é qualitativa, já que os resultados identificados no estudo nos possibilitaram obter exemplos pontuais do que estamos tratando nesta dissertação.

4.2 O RECORTE E O CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa aqui apresentada tem o objetivo de trabalhar com situações reais de interpretações, sendo assim, o contexto da pesquisa é a interpretação de conferência, mais especificamente o Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, promovido a cada dois anos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Este congresso teve como objetivos principais²⁰: (1) disseminar as pesquisas da área dos Estudos da Tradução e Interpretação da Língua de Sinais (ETILS); (2) proporcionar um espaço de discussão a respeito do tema com pesquisadores e interessados na área; (3) incentivar a interdisciplinaridade com outras áreas; e (4) consolidar a área dos ETILS junto aos ET.

O evento foi selecionado pois: (1) contemplava o contexto escolhido como recorte da pesquisa; (2) seriam contratados Intérpretes de Língua de Sinais experientes e profissionais; (3) teríamos facilidade em ter acesso às gravações do evento; (4) teríamos certeza de que os intérpretes acessariam o material das palestras, podendo assim se preparar para as interpretações.

O estudo do material de forma antecipada sobre o que será interpretado é necessário para que o intérprete faça um esboço pessoal do que poderá ser dito e, assim, possa se preparar. Padilla e Martin

²⁰ Fonte: <<http://www.congressotils.com.br/evento.html>>.

(1992, p. 197 apud PAGURA, 2003, p. 227) destacam que essa preparação é muito importante para um desempenho melhor do profissional. Segundo os autores:

[...] para o intérprete, o processo de compreensão é muito mais complicado. Ele não tem tempo de usar dicionários ou consultar um especialista. A única maneira em que o intérprete pode afetar o processo de compreensão é tomando atitudes previamente, antes que a mensagem seja realmente comunicada, por intermédio da preparação exaustiva, tanto lexical como conceitual, a respeito do assunto envolvido.

Para a coleta dos dados, entramos em contato com a equipe responsável pelas filmagens de todo o evento para que tivéssemos acesso a elas o quanto antes e, assim, pudéssemos fazer outro recorte para realizar a pré-análise das omissões utilizando um *software* específico para este tipo de trabalho, o ELAN, que será apresentado em detalhes na seção 3.3.

Cabe ressaltar que mesmo que o material tenha sido publicado e comercializado em todas as edições do evento, nosso trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC). Apesar disso, as identidades dos sujeitos foram mantidas em sigilo, para evitar possíveis constrangimentos aos participantes, uma vez que não sabemos qual o real impacto desta pesquisa para a área.

4.2.1 Interpretação de conferência

Nosso estudo tem como contexto de investigação a Interpretação Simultânea de Conferência, diferenciando-se das pesquisas nacionais que em sua maioria concentram-se em outros contextos, sendo o educacional um dos mais investigados²¹.

A atuação do ILS ficou restrita durante anos ao contexto religioso e segundo Rosa (2005, p. 110):

²¹ Para maiores detalhes ver Santos (2013).

No Brasil a atividade de interpretação ocorre com maior frequência nas instituições religiosas; aliás, nesses lugares, a atuação do ILS tem sido uma prática há décadas, mais exatamente desde o início dos anos 80, o que explica que os melhores intérpretes de língua de sinais – salvo os filhos de pais surdos – são oriundos das instituições religiosas.

Fora deste contexto, que é mais conhecido pela formação indireta destes profissionais no Brasil, outros contextos de atuação encaixam-se no conceito de interpretação comunitária, que segundo o *Dicionário dos Estudos da Tradução* de Shuttleworth e Cowie (2014, p. 23) é definido como:

Interpretação Comunitária (ou Interpretação Dialogada, ou Serviço Público de Interpretação) é uma forma de interpretação que se distingue pelos contextos em que ela é empregada. Seu objetivo é proporcionar o acesso a um serviço público para uma pessoa que não fala a língua da maioria da comunidade em que ela vive; contextos nos quais é utilizada incluem “polícia (não tribunal) e encontros legais, escolas (reuniões de pais e professores), segurança pública, entrevistas de emprego, e serviços de agências de comunidade, bem como os contextos da saúde e de cuidados da saúde mental”. (DOWNING & HELMS TILLERY, 1992, p. 2 apud SHUTTLEWORTH e COWIE, 2014, p. 23).

Os profissionais ficaram reclusos a estes espaços até que a comunidade surda começou a se fazer presente em outros ambientes e a presença do ILS fez-se necessária para atender esta nova demanda de atuação, conforme Rosa (2005, p. 111):

Esse cenário começou a mudar quando as pessoas que atuavam, e ainda atuam, em instituições religiosas começaram a ser convidadas a intermediarem a comunicação entre surdos e ouvintes em congressos, mais especificamente, sobre educação; posteriormente, muitos desses mesmos intérpretes foram convidados a assumirem esse papel na sala de aula de

universidades e, mais recentemente, no ensino médio e fundamental, com menor frequência neste último. Porém, a sua presença ainda acontece como concessão (e não dever) da instituição escolar.

Acreditamos que a mola propulsora para o alcance desse novo espaço de atuação foi a Lei de Libras 10.436²², de 24 de abril de 2002, que oficializa a Libras como Língua da Comunidade Surda, e o Decreto 5.626²³, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei de Libras. A partir de então, a comunidade surda passa a alcançar outros contextos sociais e os ILS acompanham esta demarcação de espaço com o objetivo de possibilitar a comunicação entre indivíduos que não falam a mesma língua.

Entre estes espaços alcançados, o contexto de conferência é o que tem se destacado, pelo fato de as pessoas surdas terem a oportunidade de dialogar com outras instâncias sociais sobre questões que dizem respeito à própria Comunidade Surda. Este diálogo começou a se tornar possível em conferências sobre a educação, direitos humanos, direitos linguísticos, entre outros, nas quais há algumas décadas a presença do ILS nem sempre existia. A partir da obrigatoriedade respaldada pelo Decreto 5.626, que garante o acesso das pessoas surdas a diferentes âmbitos sociais, os profissionais começaram a ser contratados para esse tipo de trabalho, a Interpretação de Conferência.

Conforme o *Dicionário dos Estudos da Tradução* de Shuttleworth e Cowie (2014, p. 26):

Interpretação de Conferência é um termo usado para se referir ao tipo de interpretação que ocorre em conferências internacionais, bem como em outros contextos de alto nível, tais como palestras, transmissões de televisão ou reuniões de cúpula; como tal, é uma das formas de interpretação, que é definida de acordo com o contexto em que é usada. Os intérpretes de conferência precisam ser proficientes em uma variedade de técnicas de

22

Disponível

em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>.

23 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>.

interpretação, pois embora a interpretação simultânea seja o principal modo utilizado, há também situações ocasionais para a interpretação consecutiva ou até mesmo a interpretação sussurrada.

Gile (2006, p. 9) acrescenta uma definição social ao conceito de Interpretação de Conferência:

Apesar do nome interpretação de conferência sugerir, intérpretes de conferência não trabalham só em conferências, mas também em outros contextos, incluindo reuniões de comitês e grupos de trabalho nas organizações internacionais, visitas de personalidades, reuniões de conselhos de administração de grandes empresas, médicos, informações tecnológicas, seminários de formação científica e técnica, econômicos e outros, programas de TV, processo de arbitragem, e até mesmo processos judiciais. Em outras palavras, sua atividade se sobrepõe em parte com a interpretação de ligação [ou frase por frase], interpretação judicial e interpretação midiática.

No Brasil, Rodrigues (2010) em sua pesquisa se propõe a discutir o processo de formação dos ILS e o efeito sobre os diferentes contextos de atuação. Para tanto, o autor aplicou um questionário a 30 profissionais das regiões Centro-Oeste e Sudeste.

Rodrigues (2010) discute, com base em seus dados, que o ILS precisa ter, além de conhecimento linguístico, outros tipos de conhecimentos que são obtidos em contextos reais de atuação e de convivência com a comunidade surda e que, desta forma, o profissional constituirá a sua competência tradutória. Uma questão levantada pelo autor, com base nos dados obtidos em seu estudo, é a crescente atuação dos ILS nos contextos de conferência, dando-nos a ideia de que uma formação específica para esta nova demanda de trabalho é indispensável e para isso são necessárias pesquisas que embasem este tipo de formação.

Como podemos observar neste contexto, a interpretação de conferência ainda é pouco pesquisada a nível nacional, trazendo ainda mais insegurança para o ILS por estar chegando a um novo ambiente de trabalho e desconhecendo quais demandas perpassam este local de

atuação. Sendo assim, a proposta desta pesquisa vem ao encontro dessa carência na área, contribuindo para as discussões.

4.3 A SELEÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

Entre os critérios principais para a seleção do *corpus* da pesquisa, estavam: (1) os momentos em que houvesse interpretações simultâneas ininterruptas de no mínimo 15 minutos e (2) a LA fosse a Língua Brasileira de Sinais e a LF fosse a Língua Portuguesa.

Tendo como base estes critérios, observamos presencialmente o congresso e constatamos que durante as palestras principais, que tinham em média 45 minutos, havia uma quebra na IS porque os intérpretes faziam um revezamento entre eles, que trabalharam, no mínimo, em dupla. Este revezamento não era padronizado, sendo que o critério para sua realização era um acordo entre os intérpretes.

Nas comunicações orais, que tinham em média 15 minutos, não havia o revezamento. Além disso, ao conversar com os intérpretes, tivemos a informação de que as equipes, compostas de dois ou três intérpretes, ficavam responsáveis pelos períodos das comunicações orais, e para não interpretarem trechos muito curtos e por acharem desnecessário o revezamento, eles se dividiam e cada uma ficava responsável por uma comunicação oral. Sendo assim, foram estes os recortes escolhidos para a análise.

4.4 OS SUJEITOS

Os principais quesitos para a seleção dos intérpretes nas filmagens foram: (1) ser um ILS profissional; (2) ter experiência de atuação no ensino superior; e (3) ter concluído ou estarem cursando o ensino superior.

A justificativa desses critérios é porque existiam intérpretes novatos atuando no congresso, com pouca ou quase nenhuma experiência no ensino superior. Desta forma, inferimos que eles teriam mais dificuldade do que os intérpretes experientes, principalmente com a densidade lexical dos conteúdos das palestras, ocasionando outras ocorrências na interpretação.

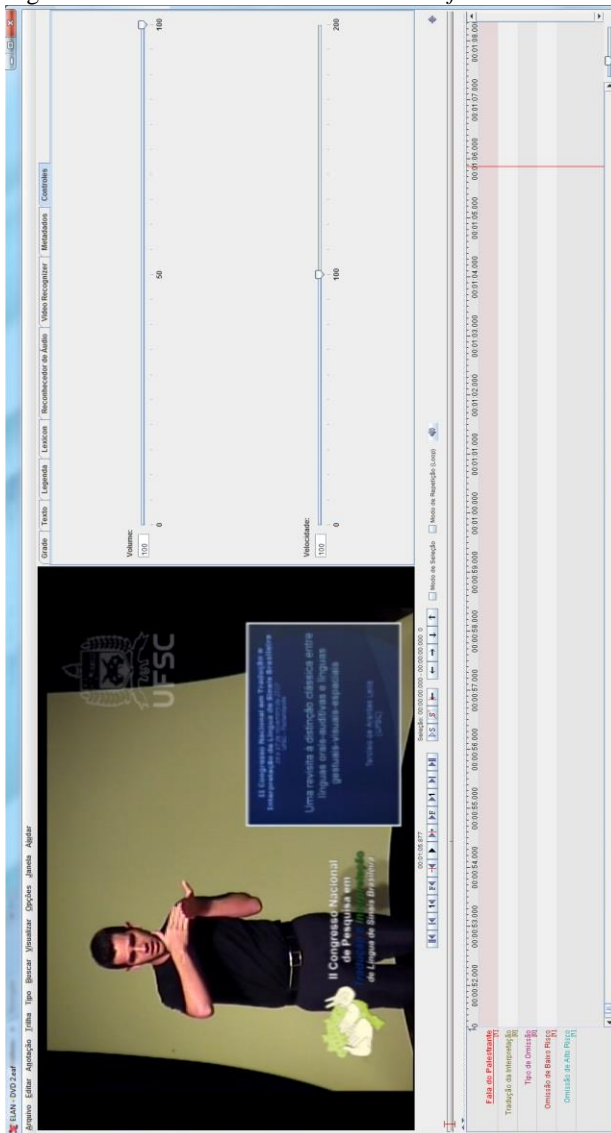
A observação do congresso presencialmente, os critérios pré-estabelecidos para seleção do *corpus* da pesquisa e os sujeitos nos permitiram selecionar três comunicações orais.

4.5 O *SOFTWARE* ESCOLHIDO PARA A PRÉ-ANÁLISE

O *software* para a realização da pré-análise foi o *EUDICO Linguistic Annotator* (ELAN), um sistema de anotação de línguas, que possibilita a análise das duas línguas, tanto a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) quanto a Língua Portuguesa Brasileira, de forma simultânea:

Esse programa permite que se criem tantas trilhas (tiers) quantas forem necessárias para a anotação dos diferentes articuladores corporais e o anotador tem a opção de trabalhar apenas com aquelas que sejam de seu interesse imediato a cada momento. (LEITE, 2008, p. 143).

Figura 4 – Foto meramente ilustrativa do *software* Elan.



Fonte: Arquivo próprio

Vale destacar que para este tipo de análise, em que cada milésimo de segundo faz a diferença, esse *software* foi a melhor escolha, pois nos

permitiu dar *play* ou *repeat* e ir ao trecho exato do vídeo quantas vezes queríamos e na velocidade que precisávamos.

4.6 PRÉ-ANÁLISE DO *CORPUS*

Após selecionarmos o *corpus* da pesquisa, pudemos exportá-lo para o Elan, que nos possibilitou analisar de forma detalhada a LF e a LA e, assim, identificar as omissões que ocorreram durante a IS. Definimos, como visto anteriormente, a omissão como a informação contida no discurso da Língua Fonte que não chega à interpretação para a Língua Alvo.

Na pré-análise, elaboramos e preenchemos a figura (abaixo) para termos de base na entrevista retrospectiva.

Figura 5 – Ilustração da Tabela para a Pré-análise.

ILSI		
NÚMERO DO DVD		
TÍTULO DA COMUNICAÇÃO ORAL		
NOME DO EXPOSITOR DO TRABALHO		
PRÉ-ANÁLISE DAS OMISSÕES		
TEMPO APROXIMADO NO VÍDEO	TRECHO DO DISCURSO COM AS OMISSÕES EM NEGRITO	JUSTIFICATIVA

Fonte: Elaboração própria

4.7 ENTREVISTAS RETROSPECTIVAS

Na escolha pela melhor metodologia para a entrevista retrospectiva, tivemos muita cautela, pois tínhamos de levar em consideração o fator tempo. O tempo para termos acesso às filmagens com a equipe responsável, a manipulação dos vídeos no *software* e a pré-análise do *corpus* foi de aproximadamente cinco dias. Isto é, por questões de logística, fomos impossibilitados de realizar as entrevistas imediatamente após as interpretações, correndo o risco de perder algumas informações que acreditamos somente estarem disponíveis na mente do intérprete imediatamente após a realização da tarefa.

As pesquisas sobre interpretação utilizam diferentes métodos para diferentes situações e, com as nossas leituras, identificamos duas possibilidades que acreditamos serem cabíveis ao nosso estudo.

A primeira delas é o método introspectivo, denominado de Protocolos Verbais (*Think-aloud Protocols* – TAPs), que são aplicados nos sujeitos da pesquisa com o objetivo de obter informações sobre os processos mentais.

Os TAPs, conhecidos em português como Protocolos Verbais, Protocolos Introspectivos, Relatos Introspectivos, Protocolos de Pensamento em Voz Alta ou, simplesmente, Protocolos em Voz Alta, são uma técnica/ferramenta de coleta de dados que consiste no relato dos sujeitos acerca da tarefa que estão realizando ou que já realizaram. Nesse sentido, o sujeito relata verbal e descritivamente seus pensamentos, impressões, intenções, decisões, sentimentos e procedimentos, por exemplo, durante a realização de uma determinada atividade (protocolos simultâneos/concomitantes) ou após concluí-la (protocolos retrospectivos). (RODRIGUES, 2013, p. 71).

Pelo contexto real de interpretação do nosso estudo e a impossibilidade de interrompermos a IS, por se tratar de uma palestra, para coletarmos protocolos simultâneos, as TAPs retrospectivas seriam uma das opções para a nossa metodologia.

Entretanto, observamos que nas pesquisas desenvolvidas por Napier (2001, 2002 e 2004), sobre o mesmo assunto, foram utilizadas as

entrevistas retrospectivas com foco na consciência metalinguística. Segundo Malakoff e Hakuta (1991, p. 147) “A tarefa metalinguística, no sentido mais geral, é aquela que obriga o indivíduo a pensar sobre a natureza linguística da mensagem: para atender e refletir sobre as características estruturais da linguagem”.

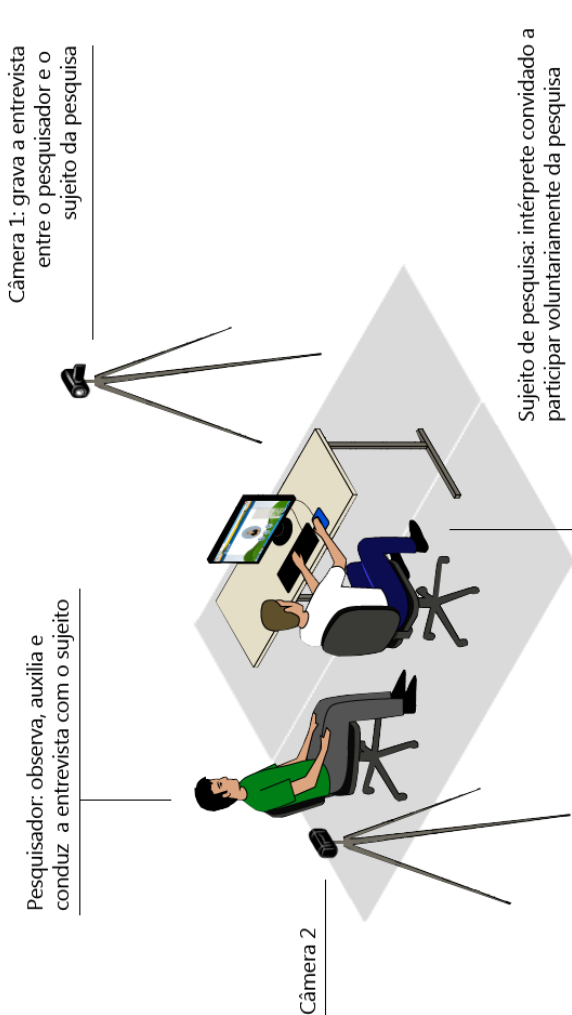
Entendemos, então, que as TAPs são utilizadas com o intuito de tratar de diferentes problemas interpretativos encontrados durante a tarefa, e que a análise metalinguística é utilizada para falar sobre um aspecto linguístico específico.

Quando realizamos o convite para os sujeitos da pesquisa, optamos por não dizer o motivo da entrevista, para que eles não se cobrissem de justificativas sobre quais omissões tinham ocorrido na interpretação feita por eles, isto porque sabemos a reação dos profissionais quando são questionados sobre algo tão polêmico. As omissões na interpretação simultânea ainda são algo muito polêmico, tanto para os intérpretes como para os clientes e quando são questionados ou acusados sobre isso, negam ou tentam apresentar explicações do por que fizeram as omissões, com a ideia de que fizeram algo errado.

Contudo, por fazermos parte de uma mesma área e nos conhecermos, quando eles vieram, individualmente, para a entrevista, uma das primeiras perguntas foi: “Vamos falar sobre omissões?”. Porém, apresentamos a proposta da entrevista e questionamos sobre o interesse ou não da participação de cada indivíduo, dando-lhes a escolha de aceitar ou negar a participação.

Após os indivíduos aceitarem participar e conhecerem o objetivo do trabalho, começamos as entrevistas sendo guiados pelo objeto deste estudo e analisamos o *corpus* da pesquisa buscando as omissões que os sujeitos realizaram. Sendo assim, as entrevistas retrospectivas foram realizadas com base na consciência metalinguística dos sujeitos de pesquisa.

Figura 6 – Disposição da sala para a coleta das entrevistas retrospectivas



Fonte: Elaboração própria

A coleta seguiu o seguinte roteiro: (1) Ao chegarem ao local, foi explicado aos sujeitos qual o objetivo da pesquisa e, por consequência, o

motivo da entrevista; (2) Disponibilizamos uma tabela em branco (igual à utilizada na pré-análise, figura 5) ao sujeito para que anotasse as omissões, as justificativas e algumas lembranças relevantes sobre o processo interpretativo; (3) Assistimos ao vídeo na íntegra a primeira vez, para estimularmos as lembranças sobre o momento da interpretação e todas as demandas que surgiram, e para o sujeito fazer as anotações sobre as omissões; (4) Assistimos novamente a filmagem, utilizando a tabela da pré-análise, para anotar as omissões identificadas (pausando o vídeo quando necessário) de forma conjunta, instigando o sujeito a justificar o motivo de elas terem acontecido; e (5) O terceiro momento foi reservado para que os sujeitos expressassem algum comentário que ainda não tivessem feito de uma forma geral e, se necessário, assistissem ao vídeo mais uma vez.

4.8 CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Os critérios para a análise dos dados têm como base fundamental as entrevistas retrospectivas, ou seja, o que o sujeito tem a dizer sobre as omissões durante a IS. A partir disso, realizamos uma análise temática.

A análise temática é um método utilizado e amplamente divulgado na psicologia e é definido da seguinte forma por Braun e Clarke (2006, p. 9): “A análise temática é um método para identificar, analisar e comunicar padrões (temas) dentro de dados. Ela minimamente organiza e descreve o conjunto de dados em (ricos) detalhes”.

Os autores Braun e Clarke (2006)²⁴ definem alguns passos para realizar a análise temática, os quais seguimos na nossa análise, a saber:

1. Familiarizar-se com os seus dados;
2. Gerar códigos iniciais;
3. Buscar temas;
4. Rever os temas;
5. Definir e nomear temas;
6. Produzir o relatório.

²⁴ Para maiores informações ver Braun, Clarke (2006).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O resultado da análise das entrevistas retrospectivas contribuiu para uma reflexão sobre as omissões realizadas pelos intérpretes, já que os sujeitos de pesquisa tinham as respostas do por que omitiram, sendo assim, os ouvimos falar e refletir sobre o processo interpretativo e as demandas que surgiram influenciando-os nas tomadas de decisões. Vale lembrar que não entramos em uma análise linguística sobre o tipo da omissão e/ou na quantidade de omissões e/ou ainda no prejuízo que a omissão causou no discurso, mas, no por que as omissões aconteceram.

As demandas levantadas pelos intérpretes como fatores responsáveis pela influência nas suas decisões, que serão apresentadas a seguir, foram tratadas em parte da literatura citada no decorrer do nosso trabalho, porém, nem todas. Portanto, para as nossas discussões, propusemos um diálogo com novos autores, contudo, por questão de tempo não nos detivemos especificamente a cada tópico levantado neste capítulo, porém, acreditamos ser extremamente relevante novas pesquisas que aprofundem essas temáticas.

Desta forma, para começarmos a nossa discussão apresentamos na tabela abaixo as demandas que foram identificadas na análise do *corpus* de pesquisa e na entrevista com os sujeitos de pesquisa, categorizadas segundo os “tipos de demanda” propostas por Dean e Pollard (2001, p. 5), como visto na seção 2.2 e, posteriormente, apresentamos cada uma delas em subseções para discussões mais aprofundadas.

Tabela 2 – Tabela síntese das demandas que influenciaram os sujeitos de pesquisa a omitir durante o evento interpretativo.

Tipo de Demanda	Fonte	Especificidade
Linguística	Competência Linguística	L1 e L2 do ILS Modalidade da Língua
	Competência Tradutória	
	Competência Referencial	
	Tradução Cultural	
	Expansão da Interpretação	
	Concentração	
	Julgamento sobre o Discurso	
	Discurso do Palestrante	Sotaque Incompreensão da Fala
	Densidade Lexical	
Ambiental	Recepção Auditiva Falha	
	Nervosismo	Contexto Público envolvido
Intrapessoal	<i>Lag Time</i>	<i>Lag Time</i> – Excessivo <i>Lag Time</i> – Controle

Fonte: Elaboração própria

5.1 OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DE COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA (L1 E L2 DO ILS) E COMPETÊNCIA REFERENCIAL

Apresentamos aqui as omissões que aconteceram por causa da competência linguística (L1 do ILS) e competência referencial, sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

O intérprete não tem noção do que vem pela frente, a primeira parte da aula é uma orientação geral de **projeto** [...].

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que esta demanda é responsável pela omissão:

É... como ela estava falando de arquitetura eu fiquei com medo de fazer o projeto... porque na minha cabeça eu pensei assim, “ah deve ter alguma”, eu pensei isso, deve ter alguma coisa pra projeto que não é esse projeto que a gente faz assim. Aí depois, depois eu fiz... “projeto papel”... aí eu fiz. Mas nesse momento eu resolvi, eu não vou falar porque eu não sei que projeto é esse que ela está falando, talvez eu poderia usar esse projeto, talvez. Mas, eu fiquei com medo de usar e depois [...]. Não falei porque faltava mais informação, eu não sabia qual era o projeto.

Apresentamos a seguir as omissões que aconteceram por causa da competência linguística (L2 do ILS), sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

Ao contrário, pode ser analisada por um conjunto de significações ligadas aos elementos linguísticos que a compõe, ela revela-se potencial como **aparato técnico** para a realização do tema [...].

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que esta demanda foi responsável pela omissão:

Pela minha cara já vi que foi consciente. Eu vi aquela palavra e... eu vi aquela palavra... deixa eu até ver o que eu traduzi no lugar dela... Eu fiz um sinal que não era nem o sinal do que ela estava falando “aparato técnico para produção do significado” e eu fiz “análise do significado”. Omiti! Não sabia como fazer o técnico em língua de sinais, pela densidade do texto, o técnico aqui não era área específica, era um aparato técnico, parece um tipo de ferramenta, então foi consciente, porque eu não tinha esse conhecimento, mesmo assim eu penso assim... é uma palavra simples, que é possível de traduzir, mas eu ainda não sei como traduzir essa palavra em vários contextos, é consciente.

Descrevemos e discutimos a seguir as situações em que as omissões ocorreram por causa da demanda:

- Competência Linguística

1 – L1 e L2 do ILS

a – O ILS teve dúvidas com o significado de algumas palavras da Língua Portuguesa (LP) e optou por omiti-las;

b – O ILS teve dúvidas de como interpretar a informação que estava recebendo da LF, no caso a LP, para a Libras.

Identificamos estas demandas como Competência Linguística ou seu *déficit*, pois se trata de fatores relacionados diretamente às línguas envolvidas na interpretação simultânea investigada.

Nas respostas dos ILS, eles evidenciaram que em alguns momentos tiveram receio de interpretar determinada palavra porque ela “parecia densa”, por influência do contexto de conferência, e eles não conseguiriam identificar o significado ou eles perderiam muito tempo buscando o significado para um determinado item lexical e perderiam mais informações da LF.

Como observamos anteriormente, Roberts (1992, p. 1) define a Competência Linguística como:

Competência linguística, que abrange a capacidade de manipular com facilidade e precisão as duas línguas envolvidas no processo de interpretação, é um pré-requisito para a

interpretação bem-sucedida de uma mensagem, a mensagem é mediada pela linguagem. Ela pode ser dividida em duas subcategorias principais: (a) Capacidade de compreender o idioma de origem em todas as suas nuances; (b) Capacidade de expressar-se corretamente, fluentemente, de forma clara e com equilíbrio na língua-alvo.

Sendo assim, esta competência é uma das bases para o trabalho do intérprete, porém, mesmo os sujeitos de pesquisa sendo profissionais, sofrem a pressão da língua adicionada ao fator tempo e acabam tendo dificuldades em processar os itens lexicais.

Ainda com relação ao trecho anterior sobre a competência linguística (L1 do ILS), temos a demanda de competência referencial que influenciou o ILS, que discutimos logo abaixo:

- Competência Referencial

a – O ILS não conhece alguns termos técnicos apresentados pelo palestrante, dificultando a interpretação e resultando em omissões conscientes.

Roberts (1992, p. 2) define Competência Referencial (Competência na Matéria) da seguinte forma:

Competência na Matéria abrange o conhecimento necessário para entender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretado, uma vez que não se pode interpretar o que não se compreende, e envolve: (a) conhecimento geral para ser capaz de interpretar o discurso geral que abranja diversas áreas; (b) conhecimento especializado suficiente de uma ou duas disciplinas para ser capaz de interpretar o discurso mais especializado nestas disciplinas.

Os ILS nem sempre têm formação específica na área de atuação (que seria o ideal) ou pelo menos uma formação complementar para atuar em determinadas áreas, acarretando *déficits* de conhecimentos do ILS que prejudicam a IS, como vimos anteriormente na argumentação do sujeito de pesquisa sobre o motivo da omissão.

Este *déficit* é suprido em parte pelo acesso do profissional aos materiais de apoio do palestrante (*Power Point*, resumos da

apresentação, artigos do palestrante, reunião com o palestrante, etc.), para que conheça mais sobre o assunto, proporcionando-lhe segurança para atuar.

5.2 OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DE COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA (MODALIDADE DA LÍNGUA)

Apresentamos aqui as omissões que aconteceram por causa da competência linguística (modalidade da língua), sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

Todas as demais atribuições inerentes a este profissional, porém, ela não tem a **formação** específica enquanto [X], mas pela necessidade de atuar como tal, [...].

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que esta demanda foi responsável pela omissão:

“Foi uma omissão, né? Acho que foi uma omissão com uma confusão de localização dos referentes. Então... omissão tida como erro eu acho... não sei.. pode ter sido um erro... porque eu falo... ela fala formação e eu falo formação, etc... Aí depois eu localizo no outro lado... e o certo eu ter feito aqui... porque daí eu poderia ter omitido com mais segurança né? Porque... porque... daí está implícito né? [...] não ficou claro... pela localização não ficou claro... “não tem...” não tem o quê? Não tem formação ela está falando... formação... só que eu coloquei do lado errado...”

Descrevemos e discutimos a seguir as situações em que as omissões ocorreram por causa da demanda:

- Modalidade da Língua

a – O ILS escuta a sentença, mas, por estar produzindo o discurso para a LA (construindo o discurso no espaço de sinalização), não dá tempo de processar a informação que está chegando e acaba perdendo esta nova informação;

b – O ILS constrói todo o discurso localizado em um determinado local no espaço e, posteriormente, quando o mesmo assunto é retomado, ele realiza a interpretação em outro local no espaço, acreditando ser o mesmo local e acaba não interpretando todas as informações por acreditar que elas já estejam explícitas por já ter sinalizado o mesmo assunto;

c – O ILS constrói o discurso no espaço de sinalização, que no seu ponto de vista já estava com informações suficientes e quando novas informações chegaram da LF, o ILS não soube administrá-las, optando por omitir conscientemente.

Carol Padden (2000), em sua pesquisa sobre a IS entre línguas de modalidades diferentes, argumenta que a IS entre línguas orais é mais complicada por serem a mesma modalidade de língua, exigindo do intérprete uma atenção redobrada, gerindo informações que chegam em uma língua sonora e produzindo a IS em outra língua sonora ao mesmo tempo. Quanto à IS entre línguas de modalidade diferentes, ela afirma que a atenção dos ILS não é tão acentuada por lidarem com uma língua oral auditiva e outra língua visual-espacial²⁵. A autora (PADDEN, 2000, p. 184) argumenta que:

O aspecto visual e espacial da Língua de Sinais oferece um desafio especial para os intérpretes. Eles precisam escolher entre uma variedade de opções da língua para fazer uma interpretação não tão trivial, ou “estranha”, e, inversamente, a forma de representar em sinais as referências vagas e ambíguas das línguas faladas para o espaço e movimento das Línguas de Sinais.

²⁵ De acordo com Quadros (2004, p. 9): Modalidades das línguas – oral-auditiva, visual-espacial, gráfica-visual. As línguas apresentam diferentes modalidades. Uma língua falada é oral-auditiva, ou seja, utiliza a audição e a articulação através do aparelho vocal para compreender e produzir os sons que formam as palavras dessas línguas. Uma língua sinalizada é visual-espacial, quer dizer, utiliza a visão e o espaço para compreender e produzir os sinais que formam as palavras nessas línguas. Tanto uma língua falada como uma língua sinalizada podem ter representações numa modalidade gráfica-visual, ou seja, podem ter uma representação escrita.

Porém, como observamos nas demandas que surgiram com relação à diferença nas modalidades, e principalmente a não linearidade da Libras, todos os elementos linguísticos que compõem a sinalização em Língua de Sinais de forma simultânea (elementos manuais, expressão facial, expressão corporal, etc.) foram destacados pelos sujeitos de pesquisa como fatores que demandam mais atenção e tempo para que sejam produzidos na interpretação.

Estas demandas específicas corroboram para a nova proposta de Daniel Gile (2014)²⁶, que apresenta novos esforços ao Modelo dos Esforços para a IS entre línguas com modalidades diferentes, Língua de Sinais e Língua Oral, definindo os esforços “antigos” e os “novos”, a saber:

R (Esforço da Recepção): ouvir ou ver e analisar o discurso de origem, inclui todas as operações a partir da percepção dos sons/sinais do discurso de origem para as decisões sobre o que significa o que o orador deseja dizer.

M (Esforço de Memória): inclui o armazenamento de informações e operações de recuperação ao longo de um curto período. Embora o esforço de memória, obviamente, envolva o uso intensivo da memória de trabalho, também pode envolver Memória de Longo Prazo, quando a informação é guardada por um tempo e é reativada um pouco mais tarde.

P (Esforço de Produção): inclui todas as operações de tomada de consciência da necessidade de produzir um discurso na língua alvo (LA), por meio da seleção de ideias e/ou informações para a formulação e o planejamento da fala e até a implementação do plano de fala. Ele inclui a automonitorização e a autocorreção.

AGE (Esforço da Autogestão no Espaço²⁷): Este esforço inclui o posicionamento físico do intérprete e o uso do espaço de forma que ele/ela possa otimizar a recepção do discurso fonte e a visibilidade das pessoas surdas na plateia.

IIS (Esforço da Interação Imediata com as pessoas Surdas²⁸): Enquanto oradores ouvintes falam, as pessoas surdas na sala podem sinalizar entre si ou para o intérprete, que deve detectar as

²⁶ No prelo.

²⁷ Do original *Self-Management in Space*.

²⁸ Do original *Online Interaction with Deaf persons*.

suas mensagens e responder, às vezes, o que exige recursos de atenção.

C (Esforço de Coordenação dos esforços): inclui a gestão de recursos de atenção e, em particular, a alocação de atenção para os vários esforços.

Esta nova proposta, além de contemplar a ISLS, mostra-nos por que identificamos através da entrevista que o sujeito de pesquisa omitiu algumas informações, pois, ele focalizou no esforço de Produção da LA e no esforço da Autogestão no Espaço, sobrecarregando assim estes esforços e fazendo com que menos energia cognitiva fosse empregada no esforço de Recepção.

5.3 OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DE COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA

Apresentamos aqui as omissões que aconteceram por causa da competência tradutória, sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

Mesmo assim, as mesmas palavras elas criam possibilidades, elas são potenciais para a construção do sentido e aí dependendo daquele momento, da compreensão ativo, a **compreensão** do intérprete ativo.

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que esta demanda foi responsável pela omissão:

Eu tava... eu tava fazendo uma... eu estava uma sentença atrás... e essa sentença ela ficou maior em língua de sinais, e fiquei tanto tempo resolvendo ela que daí veio a palavra compreensão e eu omiti, porque fiquei resolvendo muita coisa aqui na frente, tem muita... Aqui eu falando da compreensão, com sentido... olha eu tinha tempo, eu tinha tempo, só que eu devo ter... como eu estava trabalhando aqui na minha cabeça a construção de sentido da outra frase... ela falou “a compreensão do intérprete”... aí eu só voltei

com intérprete e eu fiquei assim, esperando mais informação dela [...].

Descrevemos e discutimos a seguir as situações em que as omissões ocorreram por causa da demanda:

- **Competência Tradutória**

a – O ILS foca a sua concentração na produção do discurso na LA e isso faz com que a recepção do discurso da LF seja omitido.

Roberts (1992, p. 2) declara sobre a Competência de Transferência (Tradutória):

Competência de Transferência envolve muito mais do que simplesmente compreender a essência da mensagem e transmiti-la da melhor maneira possível para outra língua. Ela inclui as seguintes capacidades: (a) capacidade de compreender a articulação de sentido no discurso idioma de origem; (b) capacidade de tornar o sentido do discurso do idioma de origem na língua de destino precisa (ou seja, sem distorções, adições ou omissões); (c) capacidade de transferir uma mensagem de um idioma de origem em uma língua-alvo sem influência indevida da língua de origem; (d) capacidade de transferir uma mensagem de um idioma de origem em uma língua-alvo de forma adequada do ponto de vista do estilo.

Esta é uma das competências que fazem a diferença entre pessoas que sabem uma língua (bilíngues), mas não se enquadram como intérprete ou tradutor, e os profissionais de fato que têm a capacidade (competência tradutória) de decidir em milésimos de segundos ou em alguns dias, no caso dos tradutores, entre uma infinidade de léxicos ou sentenças que se encaixam em determinado contexto, sendo responsáveis por carregar o sentido que o emissor do discurso quer expressar, ou seja, são profissões que, efetivamente, vão além desta visão minimalista de “eu sei a língua, eu sou intérprete”.

Pelas justificativas apresentadas pelos ILS, pudemos observar e comprovar a necessidade do Controle dos Esforços, conforme o Modelo

dos Esforços de Daniel Gile, visto na subseção 2.3. No instante em que o ILS optou por focar no Esforço da Produção para a LA, o Esforço da Audição e Análise ficou comprometido, resultando nas omissões, ou seja, mesmo que os ILS sejam profissionais, a saturação de sua CDP (Capacidade Disponível de Processamento) foi inevitável, corroborando assim para a Teoria da “Corda Bamba”.

5.4 OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DE TRADUÇÃO CULTURAL E EXPANSÃO DA INTERPRETAÇÃO

Apresentamos aqui as omissões que aconteceram por causa da tradução cultural e expansão da interpretação, sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

Passou um tempo fazendo uma troca de informações e de conhecimentos **para que o trabalho pudesse caminhar e a inclusão dessa pessoa [X] pudesse acontecer** de uma forma, na tentativa de uma maior qualidade na sua inclusão.

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que essa demanda foi responsável pela omissão:

É, mas foi atrasado, né? Foi atrasado e... é claro... e esse fim ficou comprometido. Então... porque eu ainda estava atrás... eu expandi a explicação dela, né?... ah ok... você acaba fazendo um jeito surdo de dizer as coisas assim, né? Daí eu fiquei um pouco atrás e no final eu consegui colocar ali uma inclusão e dei uma recuperada na informação... claro que não foi a informação que ela deu ali... acho que foi por conta do tempo e porque eu expandi um pouco a informação que ela tinha dado, por achar necessário... explicação da informação anterior, né?

Descrevemos e discutimos a seguir as situações em que as omissões ocorreram por causa da demanda:

- Tradução Cultural

a – O ILS busca se aproximar ao máximo da cultura alvo, decidindo excluir alguns elementos que são produzidos na LF.

Como observamos no decorrer deste trabalho, o processo interpretativo passa por influências de inúmeros fatores relevantes para a tomada de decisão do ILS e a cultura é, no nosso ponto de vista, o principal deles. Se a cultura da LA não for levada em consideração, a mensagem que chega ao público alvo será uma mera representação da cultura da LF, que na maioria das vezes não tem significado algum para o público alvo.

Desta forma, o conhecimento da cultura da LA é extremamente importante para embasar as escolhas do profissional no momento da IS, conforme Roberts (1992, p. 3):

Competência Bi-cultural, que consiste em um profundo conhecimento e valorização das culturas subjacentes às línguas de trabalho, baseia-se no conceito de que a linguagem é um reflexo da cultura e que a verdadeira compreensão de uma mensagem envolve não apenas o domínio da língua em que é expressa, mas da cultura que representa a língua. Competência Bi-cultural tem os seguintes componentes: (a) conhecimento básico das crenças, valores, experiências e comportamentos característicos dos falantes da língua fonte e falantes da língua alvo; (b) apreciação das diferenças entre a cultura da língua fonte e a cultura da língua alvo.

• Expansão da Interpretação

a – O ILS opta por expandir o discurso na LA para deixar a mensagem mais clara na LA, aumentando o *lag time* em relação à LF e por consequência algumas omissões ocorreram.

A escolha do ILS por expandir um discurso ou comprimi-lo tem o objetivo de torná-lo mais claro possível para o público alvo, porém esta escolha demanda um tempo maior de foco no Esforço de Produção, mas neste caso o Esforço da Memória foi sobrecarregado, dificultando a retomada da interpretação do “ponto final” antes da expansão da interpretação.

Lawrence (2007, p. 14) afirma que:

Dirigindo-se às diferenças nos discursos da Língua Americana de Sinais (ASL) e o Inglês, ou quaisquer dois pares de línguas, exige-se a expansão e a compressão de termos e frases. Além disso, esta conversão na linguagem exige que o intérprete faça explicitação do sentido explícito de algo inerentemente implícito no texto fonte ou vice-versa. Em última análise, intérpretes manipulam a linguagem para chegar a uma mensagem de equivalência e estão em contínua expansão em compressão, dependendo das línguas, o contexto, o público e os objetivos do orador.

5.5 OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DA CONCENTRAÇÃO (PRODUÇÃO DA INTERPRETAÇÃO E INTERAÇÃO COM O ILS DE APOIO)

Apresentamos aqui as omissões que aconteceram por causa da concentração (produção da interpretação), sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

A partir de um primeiro olhar no material, nós podemos levantar duas categorias: uma é [X] e a outra é [Y], **onde [X] referente à questão da criação do sinal para os personagens do livro, e isso acaba sendo o papel do tradutor, entendendo que a tradução é uma versão de cada tradutor.**

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que essa demanda foi responsável pela omissão: “É, aqui foi inconsciente, como eu me perdi no outro e eu fiquei tentando lembrar o nome de [Y] aí eu perdi esse começo [...] aí eu faço as duas categorias.”.

Apresentamos abaixo as omissões que aconteceram por causa da concentração (interação com o ILS de apoio), sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

[X] que é a instituição que nós temos como referência para a educação, formação e inclusão da pessoa com [Y] e também deste profissional [...].

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que essa demanda foi responsável pela omissão:

Então, primeiro ela fala a sigla e depois ela detalha rapidamente, associação não sei o que não sei o que lá [...] Eu busquei o sinal com o apoio... tive... eu busquei o sinal com apoio... daí com essa interação com talvez o apoio... o tempo correu... já se perdeu... não sei se eu ouvi a informação também né [...].

Descrevemos e discutimos a seguir as situações em que as omissões ocorreram por causa da demanda:

- Concentração

- 1 – Produção da Interpretação

- a – O ILS prende a sua concentração na produção da interpretação e não recebe o discurso da LF.

- 2 – Interação com o ILS de Apoio²⁹

- a – O ILS não consegue decifrar uma sentença linguística e busca essa informação com o ILS de apoio ou busca um sinal específico da Libras com o ILS de apoio, o que faz sua concentração ser desviada para este novo esforço, fazendo com que ele “desligasse” a recepção da LF e omitisse as informações que chegaram neste momento.

Como observamos no Modelo dos Esforços de Daniel Gile (subseção 2.3), o intérprete lida com quatro esforços cognitivos simultaneamente, contudo, podemos inferir que algumas demandas relacionadas ao contexto fazem com que os esforços cognitivos se

²⁹ De acordo com o Registro de Intérpretes para Surdos (RID): Equipe de interpretação é a utilização de dois ou mais intérpretes que funcionam como membros iguais de uma equipe, girando responsabilidades em intervalos pré-estabelecidos, e dando apoio e *feedback* para o outro. <http://www.rid.org/userfiles/File/pdfs/Standard_Practice_Papers/Team_Interpreting_SPP.pdf>.

sobrecarreguem, como é o caso do desvio da atenção visto nas justificativas acima, fazendo com que um dos esforços fique em evidência enquanto os outros são colocados em *stand by*.

5.6 OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DO JULGAMENTO SOBRE O DISCURSO

Apresentamos aqui as omissões que aconteceram por causa do julgamento sobre o discurso, sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

Então os sentidos que eu construí naquele momento como tradutor intérprete foram muito **particulares e os modos de fazer em língua de sinais**, pelo o que eu conheço da produção em língua de sinais também é muito particular. A enunciação é única, a todo momento você produz de forma diferente.

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que essa demanda foi responsável pela omissão:

Então quando ela falar assim: “o que eu você construiu, o que você constrói é uma forma única”. Daí quando eu digo assim. “Essa é percepção... essa interpretação é minha.”. Não sei se... não sei se eu já entendi que isso já era suficiente ou que eu esqueci de dizer era particular e enfatizar que era particular. Porque já mostra isso quando você diz “minha”.

Descrevemos e discutimos a seguir as situações em que as omissões ocorreram por causa da demanda:

- Julgamento sobre o Discurso
 - a – O ILS julgou qual informação é relevante para o público alvo.

No processo de interpretação, o discurso passa pelo crivo do intérprete, que julga quais informações são relevantes para o público alvo, não julgando o mérito do público em receber ou não tal

informação, mas, principalmente por questão de tempo, ele é obrigado a selecionar as informações que têm relação direta com o público e quais ele pode eliminar para empenhar um esforço maior em outra demanda, por exemplo, a explicitação da interpretação, como vimos anteriormente.

De acordo com Napier (2002, p. 83):

Omissão Consciente ocorre quando o intérprete tem consciência da decisão e omite informações relevantes, para tornar a mensagem mais eficaz. Os intérpretes usam seus conhecimentos linguísticos e culturais para decidir qual a informação da língua fonte faz sentido na língua alvo, quais informações são culturalmente relevantes, e o que pode ser redundante.

5.7 OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DO DISCURSO DO PALESTRANTE (SOTAQUE E INCOMPREENSÃO DA FALA)

Apresentamos aqui as omissões que aconteceram por causa do discurso do palestrante (sotaque e incompreensão da fala), sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

Da nossa realidade de guia, nós temos três colegas que são do curso de bacharelado, então o local da pesquisa foi direcionado pra lá e um dos guias que são **sujeitos da pesquisa** é o guia que atua dentro da sala de aula da [...].

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que essa demanda foi responsável pela omissão:

É, esse primeiro aqui no caso eu acho que sim, foi pelo tempo e que eu não entendi direito, “era sujeito de pesquisa, era aluno do Letras/Libras, já tinha experiência”, meio que ficou uma informação confusa, não sei se foi pelo falar da pessoa porque realmente ela tem uma especificidade regional extra que eu não estou acostumada, então, nem conversei com a pessoa antes pra saber, não tive essa oportunidade de

conversar antes com ela uns cinco minutinhos, aí já pega o *feeling* do falar daquela pessoa, o linguajar digamos, né?

Descrevemos e discutimos a seguir as situações em que as omissões ocorreram por causa da demanda:

- Discurso do Palestrante

- 1 – Sotaque

- a – O ILS teve dificuldade com a fala do palestrante, que tinha um forte sotaque de uma determinada região do Brasil que era desconhecida do ILS, que não o conhecia e nem conseguiu ter contato pessoalmente com ele.

- 2 – Incompreensão da Fala

- a – O ILS escuta uma determinada palavra mas não consegue decifrar o seu significado, optando por omitir.

O contexto de interpretação de conferência não permite ao intérprete nenhuma interrupção no palestrante, diferentemente da interpretação comunitária ou face a face, fazendo com que o fluxo da interpretação seja mantido mesmo se existir a incompreensão.

O suporte do profissional nestes casos é a preparação prévia, através dos estudos, do(s) intérprete(s) de apoio e dos recursos visuais que o palestrante utilizar, porém, mesmo com todos estes suportes, nem sempre é possível recuperar a informação não entendida para a interpretação.

Segundo a proposta de Napier (2002, p. 84):

Omissões Conscientes/Intencionais ocorrem quando o intérprete faz uma omissão que leva à perda de uma informação relevante. Os intérpretes têm consciência desta omissão e as fazem intencionalmente por que eles não entendem determinada unidade linguística (palavra ou frase) ou não conseguem pensar em um equivalente adequado na língua alvo.

5.8 OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DA DENSIDADE LEXICAL

Apresentamos aqui as omissões que aconteceram por causa da densidade lexical, sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

O tema da enunciação é na essência **irredutível** análise é um sistema de signos dinâmico e complexo.

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que essa demanda foi responsável pela omissão:

Eu só falei aqui... “não analisa”, tipo, eu acho que irredutível é um conceito... que quer dizer não só... que não só se analisa... irredutível... eu não sei... acho quer dizer outra coisa... e eu não sabia e não interpretei... é, agora consciente, porque eu sei que eu não sei o significado, mas irredutível é uma palavra que a gente usa no contexto e a gente acha que sabe o significado dela... irredutível... que não se reduz só à análise... é... talvez... não.. ficou análise não. É uma coisa que não se analisa... não... ela diz assim oh... que não é uma coisa que se analisa... quando ela quis dizer que irredutível análise não é... não se reduz só aquilo... só a analisar... então foi uma coisa de sentido... ou eu acho que... na hora eu achei que isso significava irredutível... e escolhi conscientemente interpretar dessa forma... só que... teve sinal... então tipo assim... não é uma coisa que sumiu... não é uma omissão... o conceito... o sentido foi omitido, porque eu escolhi uma equivalência que não era uma equivalência do sentido... então eu acho que omiti, mas não o léxico, eu omiti o sentido... escolhendo um léxico que não tinha o conceito completo ou o conceito que ela quis dizer. [...] É... automatiza na minha cabeça, acho que na dos intérpretes, vai ler citação já dá o “apavoro”, vai vim coisa pesada! Porque a gente sabe que citação é um texto bem elaborado... não é uma fala espontânea... então já vem aquela densidade, então, já vem aquele preparação para omissão, tipo assim, vou escolher o principal e o que eu sei. Então é a densidade com certeza,

porque era uma citação e por isso eu não consegui passar todo o sentido. Por mais que são palavras que eu conheça bem ou sei superficialmente o significado, a densidade, com certeza foi a densidade, a densidade e a pressão da densidade.

Descrevemos e discutimos a seguir as situações em que as omissões ocorreram por causa da demanda:

- Densidade Lexical

a – O ILS se depara com a fala do palestrante apoiada na leitura de uma citação direta e opta por tentar interpretar a essência do texto, selecionando algumas partes para interpretar e omitindo outras conscientemente.

A densidade lexical de um discurso pode ser resultado do ambiente em que este discurso está sendo produzido, quem são os interlocutores e qual o objetivo da comunicação. Neste caso em específico, o congresso trata de pesquisas a nível acadêmico e, mesmo que o discurso esteja sendo produzido oralmente, o palestrante optou por ler um trecho do autor que embasa a sua pesquisa, dificultando a interpretação por conter conceitos específicos desconhecidos do profissional.

Koch (1997, p. 78), em seu livro intitulado **O texto e a construção dos sentidos**, apresenta algumas distinções entre a fala espontânea e a escrita, que apresentamos no quadro a seguir:

Quadro 2 – Distinções entre a fala espontânea e a escrita

Fala	Escrita
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita
redundante	condensada
não planejada	planejada
predominância do “ <i>modus pragmático</i> ”	predominância do “ <i>modus sintático</i> ”
fragmentada	não fragmentada
incompleta	completa
pouco elaborada	elaborada
pouca densidade informacional	densidade informacional
predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	predominância de frases complexas com subordinação abundante
pequena frequência de passivas	emprego frequente de passivas
poucas nominalizações	abundância de nominalizações
menor densidade lexical	maior densidade lexical

Fonte: Koch (1997, p. 78)

Com base neste quadro, podemos comprovar alguns fatores que são intrínsecos a determinada modalidade que não são a outra e quais implicações surgem para o ILS ao se deparar com a leitura de um texto escrito.

Existe uma discussão entre os profissionais intérpretes de que o público alvo, no caso os surdos, poderiam fazer a leitura do texto escrito da mesma forma que o restante do público, porém, não podemos restringir sua acessibilidade com essa escolha, pelo fato de o texto escrito estar em uma língua a qual nem sempre este público tem acesso. Nesta perspectiva, o que podemos oferecer é a interpretação do texto lido, para que o público decida em qual língua irá acompanhar aquele trecho da apresentação.

Os dados do nosso estudo identificam que essa forma de apresentação, escolhida pelo palestrante, dificulta o processo de interpretação, interferindo no produto final, ou seja, a densidade lexical é algo preocupante para os ILS, que se deparam com as formas de exposição do apresentador, principalmente nos contextos acadêmicos, nos quais o ILS terá de escolher entre sobrecarregar o esforço de audição e análise, para entender o conteúdo da mensagem em sua plenitude, ou sobrecarregar o esforço da produção da interpretação, ao tentar interpretar algo que não está tão claro para ele.

5.9 OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DA RECEPÇÃO AUDITIVA FALHA E NERVOSISMO (PELO CONTEXTO E PELO PÚBLICO ENVOLVIDO)

Apresentamos aqui as omissões que aconteceram por causa da recepção auditiva falha e nervosismo (pelo contexto e pelo público envolvido), sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

Haja vista a matrícula dessa primeira aluna com **[X]** no instituto, ela teve que aprender as situações específicas deste profissional empiricamente.

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que essa demanda foi responsável pela omissão:

Não entendi o ponto... não sei se... abafado que era o som... aí eu olhava pro apoio e às vezes não vinha o apoio... e fazia assim... que estava certo... mas era ruim... eu sabia que faltava alguma coisa, entendeu? Mas o apoio fazia assim... positivo... e eu continuava, tipo, eu não retornei, não consertei, porque talvez... não sei... não fosse necessário. Não sei. [...] É diferente... É assim, é diferente... afeta, digamos assim, emocionalmente... meu Deus, o que vai vim, como é o jeito da pessoa. Coisa que nem precisa se preocupar se tivesse tido uns 5 minutinhos, entendeu? Para ver... conversar, né? Quando vai um colega, já sabe o jeito que a pessoa fala... já está acostumada com a voz... com todos esses elementos, né?... que o som... o som assim... e aí isso estava me deixando agoniada também [...]. Para mim isso afeta bastante, eu não sei os outros colegas, eu tenho muito... justamente porque é interpretação de palco, que não é o meu perfil de interpretação, o meu predileto, entendeu? Então todos esses elementos para mim me afetam bastantes... tanto nesse congresso como no outro congresso. Fora as questões técnicas mencionadas, tem essas coisas assim, não sei,

tem gente que é mais acostumada assim, ou, não se importam tanto no olhar, interagir. Eu já fico meio assim, tu tem que olhar ali pro lado, porque você não tem o retorno no *slide*, não saber o que ela preparou, então assim... olhar, me deixa agoniada... porque as pessoas estão me olhando e estou olhando [para o *slide*], as pessoas ficam esperando e ela também está esperando para falar, é um monte de coisas assim, que envolvem a interpretação, não é só ir lá em cima e interpretar [...].

Descrevemos e discutimos a seguir as situações em que as omissões ocorreram por causa da demanda:

- **Recepção Auditiva Falha**

a – O ILS teve dificuldade em entender a fala do palestrante por causa da qualidade do som utilizado na palestra e de como a aparelhagem de som estava disposta no ambiente.

Como vimos na subseção 2.3, no “Modelo dos Esforços”, proposto por Gile (1999), o intérprete coordena quatro esforços, a saber: audição e análise, memória de curto prazo, produção e a coordenação de todos estes esforços simultaneamente.

Entretanto, demandas ambientais podem surgir no decorrer do evento interpretativo, afetando o ILS em um ou mais dos esforços. Neste caso em específico, o ILS teve o esforço da audição e análise prejudicado por fatores que não foram previstos por ele e muito menos pela equipe de trabalho que estava acompanhando-o.

Por mais que esta questão seja extra-interpretação e algo que “não é de responsabilidade do intérprete”, pois, na visão de muitos ILS foge da sua função se preocupar, também, com o trabalho de outros profissionais, porém, é uma questão que interfere diretamente no seu trabalho. Desta forma, podemos observar que a responsabilidade do ILS vai além de se preocupar com a interpretação da LF para a LA, ele precisa observar as demandas que poderão surgir durante o evento interpretativo, que neste caso é o volume do som do microfone que pode estar muito alto ou muito baixo.

Se esta função extra for ignorada, acreditamos que outros problemas desencadear-se-ão por sua causa e o profissional poderá ser prejudicado e afetado pelo estresse causado por esta demanda, como

apontado por Dean e Pollard (2001) e, por consequência, o público alvo também, por ter a interpretação comprometida.

- Nervosismo (contexto e público envolvido)

a – O ILS teve dificuldade em lidar com o contexto de conferência, cujo público em sua maioria tinha conhecimento da LA (Libras) e, em alguns momentos, ele teve de olhar para o material de apoio do palestrante (*Power Point*), pois não teve acesso a este material e ainda desconhecia os termos falados pelo palestrante. Por estas questões, ele se sentiu pressionado pelo olhar “avaliativo” que o público do congresso, que tinha acesso às duas línguas, teve sobre a sua interpretação.

Segundo as autoras Masutti e Santos (2008, p. 161):

Não é incomum, por exemplo, a situação de intérpretes que, embora afeitos à cultura surda e fluentes em Libras, apresentam no momento de exposição pública uma sensação de desconforto e nervosismo para verbalizar o texto processado em Língua de Sinais. Esse é o fato que deve ser considerado, porque o grau de exposição do intérprete em termos linguísticos e culturais durante seu ato performático pode afetar profundamente a subjetividade desse indivíduo, que, ao se sentir acuado diante das demandas das platéias surdas e ouvintes, às vezes, opta por desistir da função.

O profissional, além de avaliar sua competência para atuar em determinada área, deve avaliar também se está apto para trabalhar em determinado contexto (educação infantil, educação de jovens e adultos, nível superior, área médica, área jurídica, conferência, etc.), levando em consideração todas as demandas ambientais que podem surgir e o nível de controle que ele tem sobre elas. Deste modo, o intérprete evitará se expor, prejudicando-se frente ao público, por não controlar demandas subjacentes ao contexto.

5.10 OMISSÕES POR CAUSA DA DEMANDA DO *LAG TIME* (EXCESSIVO E CONTROLE)

Apresentamos aqui as omissões que aconteceram por causa do *lag time* (excessivo), sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

A partir de um primeiro olhar do material, nós podemos levantar duas categorias: uma é [X] e a outra [Y].

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que essa demanda foi responsável pela omissão:

Eu esqueci qual era a segunda, ela falou [X] uma categoria, eu estava com um *delay* um pouco... dava pra perceber... tanto que naquela hora que ela para, (posso parar um pouquinho?) tanto que naquela hora que ela para pra ver como eu estava fazendo sub-rogado e não sei o quê. Eu estava atrasado, tanto que ela fica esperando, aí nessa hora ela falou duas categorias e eu ainda estava antes no subjetivo do intérprete, e ainda ouvindo aqui as categorias, aí eu esqueci a segunda. Eu faço a primeira [X] e a segunda é a “segunda categoria” entendeu?

Apresentamos abaixo as omissões que aconteceram por causa do *lag time* (controle), sendo que o trecho na Língua Fonte (Língua Portuguesa) com as omissões na Língua Alvo (Língua Brasileira de Sinais) está em **negrito**:

Como referencial teórico a gente tem o [X] com a relação de **significado e sentido**, pensando que esse tradutor [...].

Abaixo o recorte da entrevista retrospectiva que indica que essa demanda foi responsável pela omissão:

É porque a verdade é o seguinte, olha só, eu estava usando o *slide* como estratégia de ajuda

para lembrar o que ela falou 10 segundos atrás. No *slide*, a primeira coisa que vem é a abordagem histórico cultural, só que ela apresenta esse [X] com a relação de significado e sentido.

Descrevemos e discutimos a seguir as situações em que as omissões ocorreram por causa da demanda:

- *Lag time*

- 1 – *Lag time* – Excessivo

- a – O ILS esquece a informação por seu *lag time* estar aproximadamente em 10 segundos em relação à LF e, ao olhar para o material de apoio do palestrante (*Power Point*), o que ele consegue captar deste material ele sinaliza, porém esta informação não foi produzida pelo palestrante;

- b – O ILS esquece a informação por seu *lag time* estar aproximadamente em 10 segundos em relação à LF e tenta fazer a relação da fala do palestrante com o que ele leu no resumo da palestra e produz um discurso para a LA, porém esta informação não foi produzida pelo palestrante;

- c – O ILS omite mais de uma sentença por seu *lag time* estar aproximadamente em 10 segundos em relação à LF sendo que o palestrante faz referência ao material de apoio (*Power Point*) e, para não perder a nova informação, o ILS escolhe omitir a informação que estava sendo processada e iria produzir para conseguir acompanhar o que o palestrante está apontando.

Segundo Reynaldo Pagura (2003, p. 211):

A interpretação simultânea não ocorre, de fato, simultaneamente à fala original, pois o intérprete tem necessidade de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão. Esse breve espaço de tempo recebe o nome tradicional de “*décalage*”, termo francês usado em todo o mundo.

O tempo de atraso do intérprete em relação à LF, conhecido como *décalage*, *lag time* ou ainda *ear-voice span (EVS)*, é o que podemos considerar uma das demandas principais que influenciam as escolhas dos intérpretes durante o processo interpretativo. Quanto mais

tempo de atraso, melhor serão as escolhas do profissional, de acordo com Cokely (1986).

Pudemos comprovar esta visão de Cokely (1986) através dos dados do nosso estudo, contudo, evidenciamos também que não é uma regra que deva ser seguida à risca, primeiro porque vai depender da capacidade de armazenamento da memória de curto prazo de cada profissional e segundo porque, quanto mais tempo de atraso, mais probabilidade de ocorrer a sobrecarga da memória de curto prazo, causando falhas no processo, como visto acima nos dados obtidos pelas entrevistas.

A memória de curto prazo é uma ferramenta muito importante para o processo interpretativo. Como já mencionado aqui, ela faz parte do Modelo dos Esforços proposto por Daniel Gile (1999), devendo-se controlar o quanto de carga informacional ela pode suportar e até que ponto o profissional consegue resgatar estas informações para interpretá-las e ainda manter o fluxo da interpretação sem desencadear outros problemas, como omitir informações relevantes por esquecimento.

2 – *Lag time* – Controle

a – O ILS controla o seu *lag time* em relação à LF dependendo da velocidade do fluxo das informações da LF, porém, em determinados momentos, o fluxo aumenta, ou seja, a velocidade da fala do palestrante aumenta e, com isso, muitas informações relevantes são produzidas em pouco tempo na LF quando ele ainda está processando e produzindo a interpretação de sentenças anteriores, prejudicando esta produção pelo desvio da atenção para o esforço da audição e análise.

Um dos problemas evidenciados pelos dados (entrevistas retrospectivas) é o risco de se manter um distanciamento maior (*lag time*) em relação à LF, pois a entrada de informação não se mantém a mesma durante o discurso. Isso dificulta ainda mais a escolha do profissional em poder se manter mais distante ou ter que estar mais próximo, pelo receio de perder informações relevantes. Por exemplo, o intérprete pode pensar que em certo momento ele controlou a entrada das informações da LF e ao se deparar com uma informação que ele julga não ser tão clara para o público alvo e opta por torná-la explícita, porém, no momento em que sua atenção está focada nesta explicitação, o fluxo de informações da LF aumenta.

Deste modo, podemos concluir que o intérprete deve manter o controle do *lag time* variando entre maior tempo de atraso ou menor tempo de atraso. Uma sugestão seria deixá-lo maior em relação à LF quando tem Competência na Área (ROBERTS, 1992) e menor e mais próximo quando desconhece o assunto da interpretação, pelo fato de não saber de qual tipo e em qual velocidade as informações chegarão da LF.

Com a apresentação e discussão dos dados podemos observar que as inúmeras demandas apresentam implicações de maior ou menor risco, afetando o processo interpretativo e as decisões/escolhas do intérprete profissional se ele não estiver preparado para quando elas surgirem durante o processo.

Se, e somente se, observarmos o produto final da interpretação, vamos julgar como algo falho, prejudicial ou incorreto, porém, ao identificarmos no processo o motivo real dessa escolha, de omitir algumas informações, poderemos entender que o intérprete utilizou este recurso estrategicamente, por exemplo, como forma de conseguir mais tempo para levar a LF mais próxima culturalmente da LA.

Contudo, nem sempre as demandas recorrentes ao evento interpretativo são controladas pelos profissionais e as omissões acabam acontecendo como resultado deste confronto, por exemplo, no caso da recepção auditiva falha, nervosismo, *lag time* excessivo, entre outras, resultando em omissões de alto risco (PYM, 2008), prejudicando o processo interpretativo e ainda acarretando perdas de informações significativas para o público alvo.

6 CONCLUSÕES

A omissão na Interpretação Simultânea é um assunto polêmico, tanto para os intérpretes quanto para o público alvo, que em sua maioria não tem acesso à Língua Fonte e confia no profissional para ser o mediador deles com outro(s) sujeito(s) que falam línguas diferentes e que desejam receber a mensagem “íntegra” e sem alterações feitas pelo intérprete.

Nesta mesma visão, alguns autores (BARIK, 1973, 1975; COKELY, 1986; e GILE, 1999) afirmam que as omissões são erros cometidos pelos profissionais. Por outro lado, temos outros autores (PYM, 2008; NAPIER, 2001, 2002 e 2004; LUCIANO, 2005; KORPAL, 2012) que defendem a ideia de que as omissões podem ser vistas como um fenômeno que não prejudica o produto final da interpretação e ainda sugerem que ela é uma estratégia utilizada pelo profissional.

Este estudo, cujo objetivo principal foi identificar e refletir sobre as omissões de informações produzidas na Língua Fonte (LF) e não interpretadas para a Língua Alvo (LA), ocasionadas por demandas que influenciam o Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (ILS) profissional durante o evento interpretativo no contexto de conferência, apresentou as omissões e analisou quais fatores, demandas interferem na atuação do ILS, sobre as quais nem sempre ele tem controle e por isso a única “solução” é a omissão.

Retomando a pergunta que norteou a nossa pesquisa, ‘o que leva o ILS a omitir?’, apresentamos as demandas que interferem na IS, conforme Dean e Pollard (2001), e ainda analisamos as demandas que influenciaram os sujeitos de pesquisa, através de entrevistas retrospectivas e a análise temática, com base em Braun e Clark (2006), que se mostraram como a metodologia mais adequada para este tipo de estudo.

Como resultado, pudemos evidenciar que as omissões não são uma mera escolha do intérprete entre omitir uma informação ou não, mas a existência de demandas que influenciam o processo interpretativo, ao passo que, na maioria das vezes, mesmo com a ciência das omissões por culpa das demandas que surgem durante o evento interpretativo, a única escolha do intérprete é omitir intencionalmente com o objetivo de tentar manter o fluxo da interpretação.

A consciência dos sujeitos de pesquisa sobre as omissões é alta durante o processo interpretativo, corroborando com o estudo de Napier (2002), porém, identificamos ainda que nem sempre elas foram utilizadas como uma estratégia para tornar a interpretação mais eficaz, mas, são o resultado do enfrentamento do intérprete com as demandas que surgiram no decorrer do processo e, por eles não estarem preparados para este confronto, intérprete *versus* demanda, a consequência foi a omissão.

Observamos também que o intérprete atua com a sua capacidade cognitiva no máximo e que o surgimento de qualquer demanda que exija maior capacidade cognitiva do profissional poderá afetar o processo interpretativo, desencadeando falhas ou equívocos nas decisões do intérprete, mesmo que de forma inconsciente, comprovando a teoria da “Corda Bamba”, proposta por Daniel Gile (1999).

Apresentamos também uma possível definição das omissões de alto risco e omissões de baixo risco, propostas por Pym (2008), que não as definia de forma clara. Para tanto, reunimos alguns autores com o objetivo de articularmos concepções teóricas contribuindo para um entendimento melhor do que seriam omissões de alto risco e omissões de baixo risco, consideradas como informações principais e informações secundárias, segundo Roberts (1992), respectivamente. As informações principais seriam a intenção e os objetivos do autor e as unidades utilizadas por ele e as informações secundárias seriam os detalhes, conforme Gish (1986).

Deste modo, concluímos que a necessidade da formação destes profissionais sobre esta temática em particular é fundamental, para que tenham ciência de que as omissões são intrínsecas à IS assim como as demandas que surgem em todos os eventos interpretativos e que novas demandas e/ou demandas diferentes surgem a cada momento.

A necessidade desse tipo de formação é para que os ILS estejam preparados para o enfrentamento das demandas, tendo ciência e segurança nas suas decisões, para que elas não se tornem desencadeadoras de outras demandas e/ou problemas, ou seja, utilizando as omissões recorrentes na IS de forma estratégica e com um único objetivo, que é tornar a interpretação mais eficaz.

A nossa sugestão para este tipo de formação é que o ILS seja exposto a contextos reais de interpretação juntamente com profissionais mais experientes que possam auxiliá-lo e ainda ajudá-lo a identificar quais são seus pontos fracos, corroborando com a visão de Dean e Pollard (2001, p. 12):

Estudiosos da educação recomendam cada vez mais que a formação prática dos profissionais envolva a “mão na massa”, ou seja, experiência de serviço o mais cedo possível. A aprendizagem baseada em problemas enfatiza a exposição dos primeiros estudantes para a prática de desafios com consumidores reais e, através desta abordagem contextual, funde-se a aquisição de conhecimentos por si só com a evolução da prática e competências de julgamentos profissionais, que são modeladas e alimentadas por professores ou mentores experientes.

Desse modo, no decorrer de sua formação profissional, ele terá contato com os diversos tipos de demandas que surgem diariamente em contextos reais de interpretação que ocasionam omissões, sendo assim preparados para enfrentá-las posteriormente à sua formação, aprendendo a lidar com elas ao ponto de saber como obter maior controle, de uma forma mais profissional.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, H. J. Error Analysis in the Teaching of Simultaneous Interpretation: A Pilot Study. **Fremdsprachen** 33(3): p. 177-183, 1989.
- ALTMAN, J. Error analysis in the teaching of simultaneous interpretation: A pilot study. In: LAMBERT, S. and MOSER-MERCER, B. (Eds.). **Bridging the gap: Empirical research in simultaneous interpretation**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins. p. 25-38, 1994.
- AL-ZAHRAN, A. **The consecutive conference interpreter as intercultural mediator: a cognitive-pragmatic approach to the interpreter's role**. Diss. University of Salford, UK, 2007.
- AUBERT, F. H. **Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados**, São Paulo: CITRAT/FFLCH-USP, v. 5, n. 1, p. 99-127, 1998.
- BARBOSA, H. G. Caminhos e Descaminhos dos Estudos da Tradução e Interpretação no Brasil. **Revista Trama**, Paraná, n. 9, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/search/titles?searchPage=3>. Acesso em: 29 set. 2013.
- BARIK, H. C. A description of various types of omissions, additions, and errors of translation encountered in simultaneous interpretation. **Meta: Translators' Journal**, v. 16, n. 4, p. 199-210, 1971.
- _____. Some innovations in a computer approach to the analysis of speech patterns. **Language and speech**, v. 15, p. 196, 1972.
- _____. Simultaneous interpretation: Temporal and quantitative data. **Language and speech**, v. 16, p. 237, 1973.
- _____. Simultaneous interpretation: Qualitative and linguistic data. **Language and speech**, v. 18, n. 3, p. 272-297, 1975.
- _____. A description of various types of omissions and errors of translation encountered in simultaneous interpretation. In: LAMBERT, S.; MOSER-MERCER, B. (Eds.). 1994. p. 121-137.

BRANAM, L. **Burnout in the interpreting profession**. Unpublished manuscript. 1991.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

COKELY, D. The effects of lag time on interpreter errors. **Sign Language Studies**, v. 53, n. 1, p. 341-375, 1986.

_____. **Interpretation: A Sociolinguistic Model**. Burtonsville, Md.: Linstok. 1992.

DEAN, R. K.; POLLARD, R. Q. Application Demand-Control Theory to Sign Language Interpreting: Implications for Stress and Interpreter Training. University of Rochester School of Medicine. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, 2001. Disponível em: <<http://jdsde.oxfordjournals.org/content/6/1/1.full.pdf+html>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

DECARO, J.; FEURERSTEIN, M. & HURWITZ, T. A. Cumulative trauma disorders among educational interpreters: Contributing factors and intervention. **American Annals of the Deaf**, 137(3), p. 288-292, 1992.

DOWNING, B. T. & TILLERY, K. H. **Professional Training for Community Interpreters: A Report on Models of Interpreter Training and Value of Training**. Minneapolis: Center for Urban and Regional Affairs, 1992.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GABRIAN, J.; WILLIAMS, G. **The Effect of Interpreter Fatigue on Interpretation Quality**, p. 1-35, 2009. Disponível em: <<http://http://www.gerardwilliams.net/index.php>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

GILE, D. A Communication Oriented Analysis of Quality in Nonliterary Translation and Interpretation. **Translation: Theory and Practice**. Tension and Interdependence (LARSON, M. L. Ed.), Binghamton NY, SUNY, p. 188-200, 1991.

_____. The Effort Models in Interpretation. In: **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam/Philadelphia: John Bensamins, 1995. p. 159-190.

_____. Testing the Effort Model's tightrope hypothesis in simultaneous interpreting – A contribution. HERMES. **Journal of Linguistics**, n. 23, p. 153-172, 1999. Disponível em: <http://download1.hermes.asb.dk/archive/FreeH/H23_09.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2013.

_____. Conference Interpreting. In: BROWN, K. **Encyclopedia of language and linguistics**, 2006.

GISH, S. I understood all the words – but I missed the point: A goal-to-detail/detail-to-goal strategy for the text analysis. In: **New Dimensions in Interpreter Education: Curriculum and Instruction**, p. 125, 1986.

HELLER, B.; STANSFIELD, M.; STARK, G. & LANGHOLTZ, D. Sign language interpreter stress: An exploratory study. In: **Proceedings of the 1985 Convention of the American Deafness and Rehabilitation Association**. Little Rock, AK: ADARA. 1986.

KAHANE, E. Thoughts on the Quality of Interpretation. 2000. Disponível em: <<http://www.aiic.net/ViewPage.cfm/page197.htm>> Acesso em: 10 set. 2014.

KARASEK, R. A. Job demands, job decision latitude, and mental strain: Implications for job redesign. **Administrative Science Quarterly**, 24, p. 285-307. 1979.

KARASEK, R. & THEORELL, T. **Healthy work: Stress, productivity, and the reconstructing of work life**. New York: Basic Books. 1990.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

KOPCZYNSKI, A. **Conference interpreting**: Some linguistic and communicative problems. Poznan: Adam Mickiewicz Press, 1980.

KORPAL, P. Omission in simultaneous interpreting as a deliberate act. **Translation Research Projects 4**, p. 103, 2012.

LAWRENCE, S. **Expansion and Compression**. VIEWS. Alexandria, EUA: RID – Registry of Interpreters for the Deaf, 2007.

LEESON, L. Making the Effort in Simultaneous Interpreting. **Topics in Signed Language Interpreting**, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 51-68.

LEESON, L.; WURM, S.; VERMEERBERGEN, M. Hey Presto! Preparation, Practice and Performance in the World of Signed Language Interpreting and Translating. In: LEESON, L.; WURM, S.; VERMEERBERGEN, M. (Org.). **Signed Language Interpreting: Preparation, Practice and Performance**. Londres: St Jerome Publishing, v. 1, p. 1-11, 2011.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras)**: Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 143 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LUCIANO, A. H. T. **A interpretação simultânea sob a ótica da linguística aplicada**. 2005. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2005.

MACKAY, A. P. M. G. **Atividade verbal**: processo de diferença e integração entre fala e escrita. São Paulo: Plexus Editora, 2000.

MALAKOFF, M.; HAKUTA, K. Translation skill and metalinguistic awareness in bilinguals. In: BIALYSTOK, E. (Ed.). **Language processing in bilingual children**. Cambridge University Press, 1991. p. 141-166.

MASUTTI, M. L.; SANTOS, S. A. Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção. **Estudos surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 148-167.

MOSER-MERCER, B. Quality in interpreting: Some methodological issues. **The Interpreters Newsletter**, 7, p. 43-55, 1996.

MOSER-MERCER, B.; KUNZLI, A. and KORAC, M. Prolonged Turns in Interpreting: Effects on Quality. Physiological, and Psychological Stress. Pilot study. **Interpreting 3 (I)**, p. 47-64, 1998.

NAPIER, J. **Sign language interpreting Linguistic coping strategies**. Coleford, UK: Douglas McLean. 2002.

_____. **Linguistic Coping Strategies of Sign Language Interpreters**. Ph.D. diss., Macquarie University, 2001.

_____. Interpreting omissions: A new perspective. **Interpreting**, v. 6, n. 2, p. 117-142, 2004.

_____. Cooperation in interpreter-mediated monologic talk. **Working paper**, Presented to the Theoretical Issues in Sign Language Research conference. Florianópolis, Brazil, December 2006.

NAPIER, J.; BARKER, R. Sign language interpreting: The relationship between metalinguistic awareness and the production of interpreting omissions. **Sign Language Studies**, v. 4, n. 4, p. 369-393, 2004.

NEVILL, D. A. **Burnout in the sign language interpreting profession: Causes and preventive measures**. Unpublished senior thesis, Maryville College, Maryville, TN. 1992.

NORRIS, R. Repetitive strain injuries (RSI) in sign language interpreters: Evaluation, treatment and prevention. **Registry of Interpreters for the Deaf (RID) Views**, 13(1), 1, p. 30-31, 1996.

OLÉRON, P. & NANPON, H. Recherches sur la traduction simultanée. **Journal de psychologie normale et pathologique**, 62, p. 73-94, 1965.

PADDEN, C. A. Simultaneous Interpreting Across Modalities. **Interpreting**, v. 5, n. 2, p. 169-185, 2000.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **Revista Delta**, São Paulo, v. 19, p. 1-25, 2003.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **Revista Delta**, São Paulo, n. 19 (ESPECIAL), p. 209-236, 2003.

PEPER, E. & GIBNEY, K. H. Psychophysiological basis for discomfort during sign language interpreting. **Journal of Interpretation**, p. 11-18, 1999.

PEREIRA, M. C. P. **Produções acadêmicas sobre interpretação de língua de sinais**: Dissertações e teses como vestígios históricos. Cadernos de Tradução 1(26). Florianópolis: UFSC, PGET, 2010.

PINHEIRO DE SOUZA, J. Teorias da tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, n. 20, v. 1/2, jan./dez. p. 51-67, 1998.

PÖCHHACKER, F. **Simultandolmetschen als komplexes Handeln**. Tübingen: Gunter Narr. 1994.

_____. Simultaneous interpreting: A functionalist perspective. **Hermes, Journal of Linguistics**, v. 14, p. 31-53, 1995.

_____. Quality assessment in conference and community interpreting. **Meta**, n. 46, v. 2, p. 410-425, 2001.

_____. Conexões Fundamentais: Afinidade e Convergência nos Estudos da Interpretação. Tradução de Mylene Queiroz. **Scientia Traductionis**, n. 7, p. 61-75, 2010.

POINTURIER-POURNIN, S. **L'interprétation en Langue des Signes Française: contraintes, tactiques, efforts**. 460 f. Tese (Doutorado). Paris 3, 2014.

PYM, A. On omission in simultaneous interpreting. Risk analysis of a hidden effort. Working version of a text published. In: HANSEN, G.; ANDREW, C.; HEIDRUN, G. (Eds.). **Efforts and Models in Interpreting and Translation Research**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008. p. 83-105. Disponível em: <http://usuariis.tinet.cat/apym/on-line/translation/2008_omission.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2013.

QUADROS, R. M. **O Tradutor e Intérprete da língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasil, Ministério da Educação e Cultura. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12677:o-tradutor-e-interprete-de-lingua-brasileira-de-sinais-e-lingua-portuguesa&catid=192:seesp-esducacao-especial>. Acesso em: 2 dez. 2013.

RICCARDI, A.; MARINUZZI, G.; ZECCHIN, S. Interpretation and stress. **The Interpreters' Newsletter** 8, p. 93-106, 1998.

ROBERTS, R. P. Student Competencies in Interpreting: Defining, Teaching and Evaluating. In: **Student Competencies: Defining, Teaching and Evaluating**: Proceedings of the 9th National Convention of the Conference of Interpreter Trainers, USA: CIT. 1992. p. 1-18.

RODRIGUES, C. H. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: Desafios para a formação de intérpretes de língua de sinais. In: **II Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

_____. **A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. 2013. 244 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ROSA, A. S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. 2005. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RUSSEL, D. **Interpreting in Legal Contexts: Consecutive and Simultaneous Interpretation**. Burtonsville, Md.: Sign Media. 2002.

SANDERSON, G. Overuse syndrome among sign language interpreters. **Journal of Interpretation**, 4, p. 73-77, 1987.

SANTOS, S. A. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. 2013. 313 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SCHNALL, P. L., & LANDSBERGIS, P. A. Job stress and cardiovascular disease. **Annual Review of Public Health**, 15, p. 381-411, 1994.

SETTON, Robin. **Simultaneous interpretation: A cognitive-pragmatic analysis**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins. 1999.

SHLESINGER, M. Quality in Simultaneous Interpreting. In: GAMBIER, Y.; GILE, D. and TAYLOR, C. (Eds.). **Conference Interpreting: Currents Trends in Research**. Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins, p. 123-131, 1997.

SHUTTLEWORTH, M.; COWIE, M. **Dictionary of translation studies**. New York: Routledge, 2014.

STEDT, J. D. Interpreter's wrist: Repetitive stress injury and carpal tunnel syndrome in sign language interpreters. **American Annals of the Deaf**, 137(1), p. 40-43, 1992.

STRATIY, Â. Best practices in interpreting. **Topics in Signed Language Interpreting: Theory and practice**, v. 63, p. 231, 2005.

SWARTZ, D. B. **Job satisfaction of interpreters for the deaf**. Unpublished doctoral dissertation, Minneapolis, Capella University. 1999.

THEORELL, T. & KARASEK, R. A. Current issues relating to psychosocial job strain and cardiovascular disease research. **Journal of Occupational Health Psychology**, 1(1), p. 9-26, 1996.

VASCONCELLOS, M. L. Tradução e interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: A afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução.” *Cadernos de Tradução* 2(26). In: QUADROS, R. M. (Ed.). **Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais**, p. 119-143, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao>>. Acesso em: 30 out. 2013.

VIAGGIO, S. The quest for optimal relevance: The need to equip students with a pragmatic compass. In: GARZONE, G. and VIEZZI, M. (Eds.). **Interpreting in the 21st century: challenges and opportunities**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins. p. 229-244, 2002.

VIEZZI, M. **Aspetti della Qualità in Interpretazione**, Trieste, SSLMIT. 1996.

VISSON, L. Simultaneous interpretation: Language and cultural difference. In: BERMAN, S. and WOOD, M. (Eds.). **Nation, Language, and the Ethics of Translation**. Princeton: Princeton University Press. p. 51-64. 2005.

WATSON, J. Interpreter burnout. **Journal of Interpretation**, 4, p. 79-85. 1987.

WEININGER, M. J. Estrela guia ou utopia inalcançável. Uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução. In: CARDOZO, M. M.; HEIDERMAN, W.; WEININGER, M. J. (Org.). **A Escola Tradutológica de Leipzig**. Frankfurt/Main: Peter Lang Verlag, v. 1, p. 19-28, 2009.

_____. Elementos para a avaliação da qualidade na interpretação simultânea. 2011. Disponível em: <http://www.videoconferencia.cce.ufsc.br/index.php?option=com_flexicontent&view=items&cid=84:teste&id=1662:a-qualidade-na-interpretacao-de-lingua-de-sinais>. Acesso em: 15 jan. 2014.

SITES CONSULTADOS

<http://www.rid.org>

<http://translit.ie>